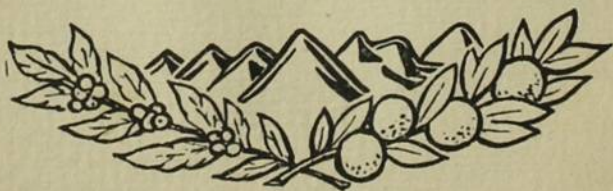


EX LIBRIS



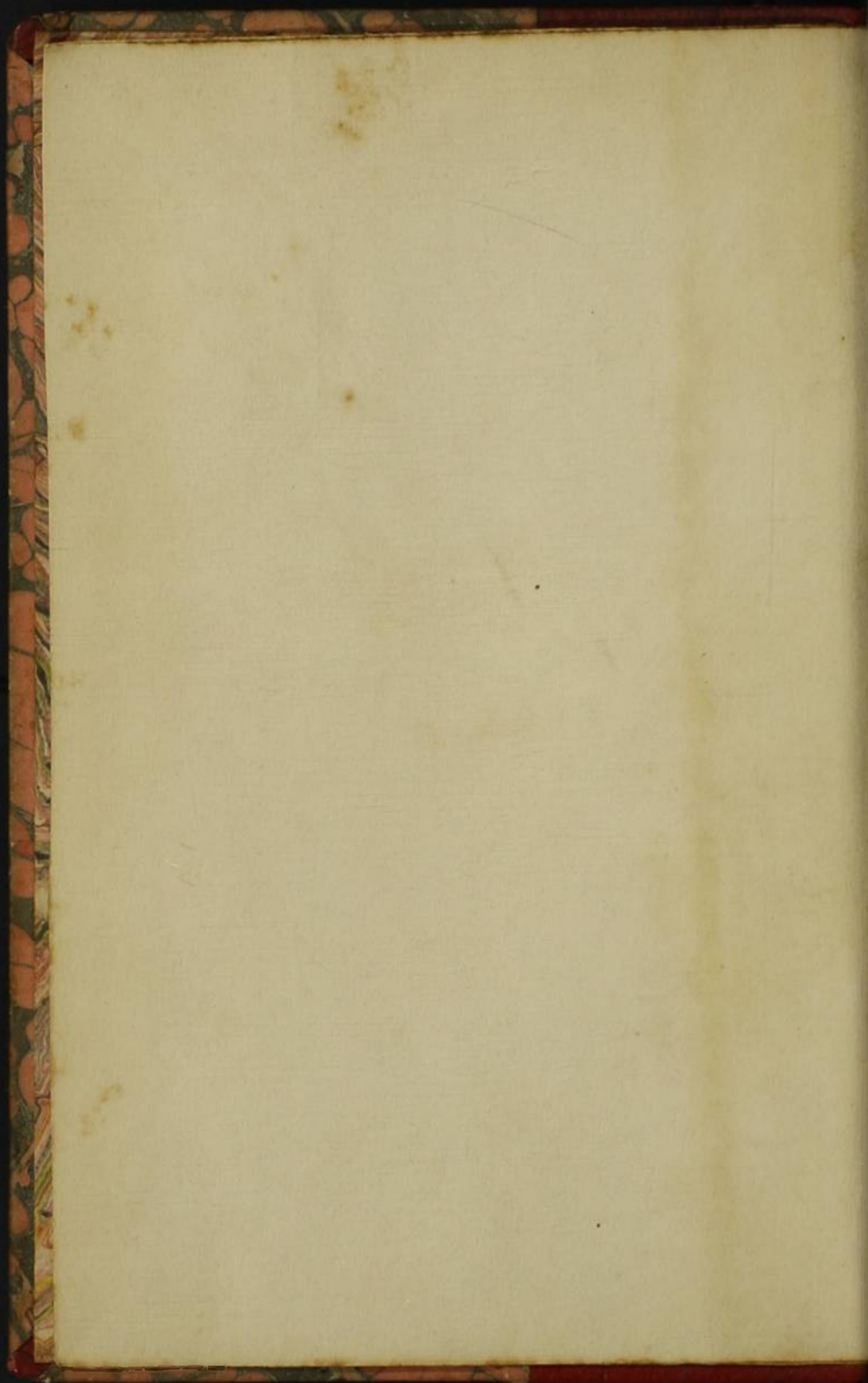
WILLIAM GROPP
FAZENDA 7 COLINAS



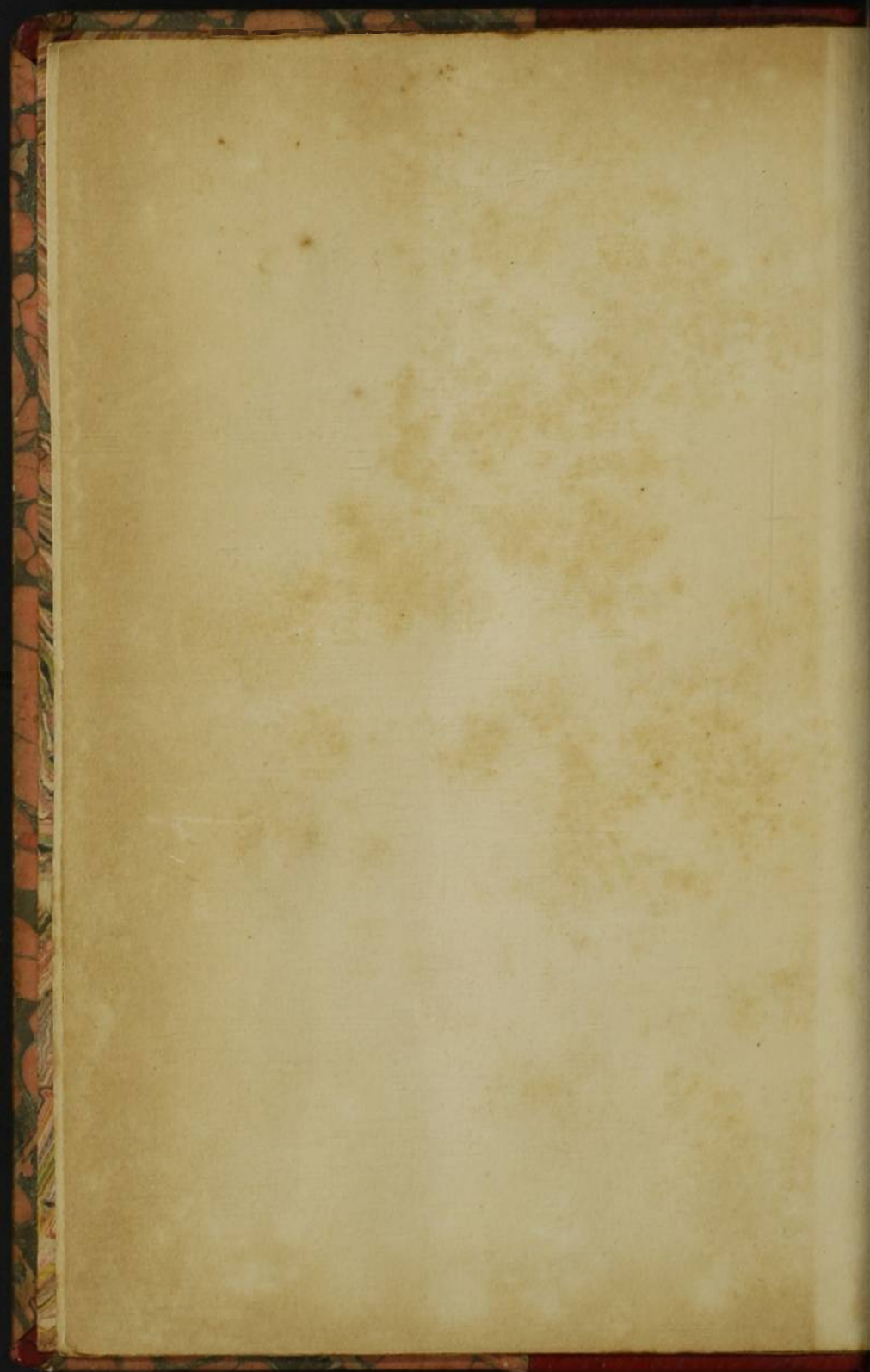
le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



(43)



RODRIGO OCTAVIO

ARISTO

NOVELLA

As Erice da Costa

off

o amigo

Assinje arreari

Rio de Janeiro

TRIBUNA LIBERAL, TRAVESSA DO OUVIDOR 31

—
1889

Off. pelo Exco na
Corte, em setembro
de 1889.

José Geraldo Pereira et al.

Aristo

(NOVELLA)

Era o momento mysterioso do tempo em que no espaço se opera a confusão tristissima das trevas e da luz.

No seio da floresta longinqua e tenebrosa desaparecera o sol, illuminando tudo ainda, com a reverberação do poderoso olhar de ouro.

Das anfractuosidades dos penhascos, das escondidas grutas de granito, aos bandos, saíam lentamente as sombras, de azas invisiveis.

Havia por toda a parte a musica maguada com que se acalentavam, para adormecer, as cousas todas da natureza.

Não faltava ao concerto a canção buliçosa das aguas das ribeiras, nem a melodia epica dos sabiás da floresta.

Psalmodiava um cantico sagrado do alto de um rochedo, como de um pulpito, sob a abobada das folhagens escuras, a cachoeira despenhando-se solememente no seio do abysmo, e levantava-se, como um sussurro de mil boccas, como o balbuciar simultaneo de mil preces, a cantilena monotona das folhas e das arvores.

No alto de uma collina, prostrado, amparando-se ao tronco annoso de uma arvore morta, vivendo apenas da vida artificial das parasitas abertas em florões de sangue, prostrado, esmagado pelo peso todo daquella tristeza immensa, que andava pelos ares, um velho de niveos cabellos e de barbas longas quedava-se immoto, preso o brilhante olhar em um trecho de paizagem.

Descortinava-se em volta a confusão harmoniosa das serranias azues.

Em baixo, á rechan da collina, pousava um pequeno arraial de casas pobres, ao redor de uma pequenina igreja, que ostentava modestamente o campanario de madeira tosca.

Pelas collinas mais proximas destacavam-se, espalhadas, choupanas de sapé, e

estendiam-se os tapetes das plantações rasteiras.

Como o brado de uma sentinella, elevava-se a espaços o mugido quasi humano dos bois, que ruminavam silenciosos sua philosophia ignorada.

Bandos de corvos erguiam-se, e, destacando-se na vermelhidão sangrenha do horizonte em longas parabolae, faziam vôo, até pousarem, pouco a pouco, nos galhos cheios de musgo de alguma arvore altissima.

E ia, mais e mais, pesando sobre a terra a melancolia desse momento, ao passo que se accumulavam nos ares as sombras, que, de azas invisiveis, saíam das anfractuosidades do penhasco e das escondidas grutas de granito.

Abrandava-se insensivelmente a intensidade rubra do occaso, alterava-se todo aquelle sangue que tingia o poente, transformando-se em uma luz coada, mixto de rosa e de ouro, que entornava pelo espaço uma saudade triste, dando ás cousas todas um colorido de poesia...

Attenuava-se a luz de um lado, de outro lado se accumulava a sombra.

Uma claridade diaphana dava um tom azulino a todas as cousas que se iam esfuminhando, confundindo, baralhando,

unificando-se na escuridão crescente que avassalava tudo.

Via-se a terra, suavemente, como que através de uma lagryma.

Subito destacou-se do concerto melancolico uma distante voz, que de amplos pulmões se expandia livremente em uma cantiga sertaneja.

Ao mesmo tempo ouvia-se o balar tremulo e interrompido de um rebanho que se approximava.

Continuava a cantiga, continuava o balar.

Appareceram por fim no cume de um outeiro proximo umas ovelhas brancas, acompanhadas logo de outras que, atropellando-se, vinham, ora vagarosas, ora dando pequenas corridas e desciam a encosta balando tremulamente, timidamente.

Surgiu tambem, no meio das ovelhas, o vulto do cantor, que se destacava, escuro, sobre a claridade do poente.

Um alto sertanejo, de ponteagudo chapéu de couro, curta japona pendente de um hombro, calças acima do joelho arregaçadas e empunhando um longo cajado classico.

A cantiga despertava o echo adormecido pelas quebradas das montanhas.

Foi descendo o rebanho, foi descendo o pastor, e em baixo tomaram a estrada barrenta, e, vagarosamente seguindo por ella, perderam-se ao longe por traz de uma collina.

Ia se escurecendo o espaço.

No céu—infinita savana azul—começavam a abrir-se, desabrochavam-se as douradas corollas das estrellas. Indecisas; pallidas ainda.

Mais se escurecia o espaço; mais corollas de ouro se abriam. Lucidas, palpitan—esta gora.

Fez-se noute, por fim; noute de trevas, noute de estrellas.

Então o velho contemplador ergueu o vulto gigantesco, e, amparando-se a um longo bordão, foi, como um phantasma de outro mundo, solitario e solemne, descendo a encosta da collina.

Aos seus passos regulares erguiam vôo as pardas corujas que pousavam nos troncos seccos, á beira dos caminhos, espantadas, piando.

Desceu a encosta, atravessou a rua unica do pequeno arraial que velava silenciosamente á luz de uns candeeiros de azeite.

Apenas a uma porta havia gente.

A' passagem do velho, saudaram-o todos, com respeito como a estranho vulto, de especie superior.

Findas as casas da povoação, foi seguindo com o mesmo passo regular, olhando para a terra, indifferentemente.

Tomou por fim um trilho solitario, que se internava pelo campo a fóra.

Por elle foi.

Guiava-o por aquelles logares desertos o habito de todos os dias percorrel-os.

Approximou-se um capoeirão sussurrante e escuro.

Na orla do bosque, embaixo dos primeiros arbustos, bailava um bando phantastico e inquieto de vagalumes. Entrava o trilho por uma picada aberta pelo bosque a dentro.

Pela picada mergulhou-se o velho.

Surgiu minutos depois do outro lado do matto.

Proximo estava uma casa meio occulta pelas tranças caidas de umas arvores copadas.

Para esta casa dirigiu-se.

Entrou.

Ouvia-sea harmonia solemne das noutes silenciosas.

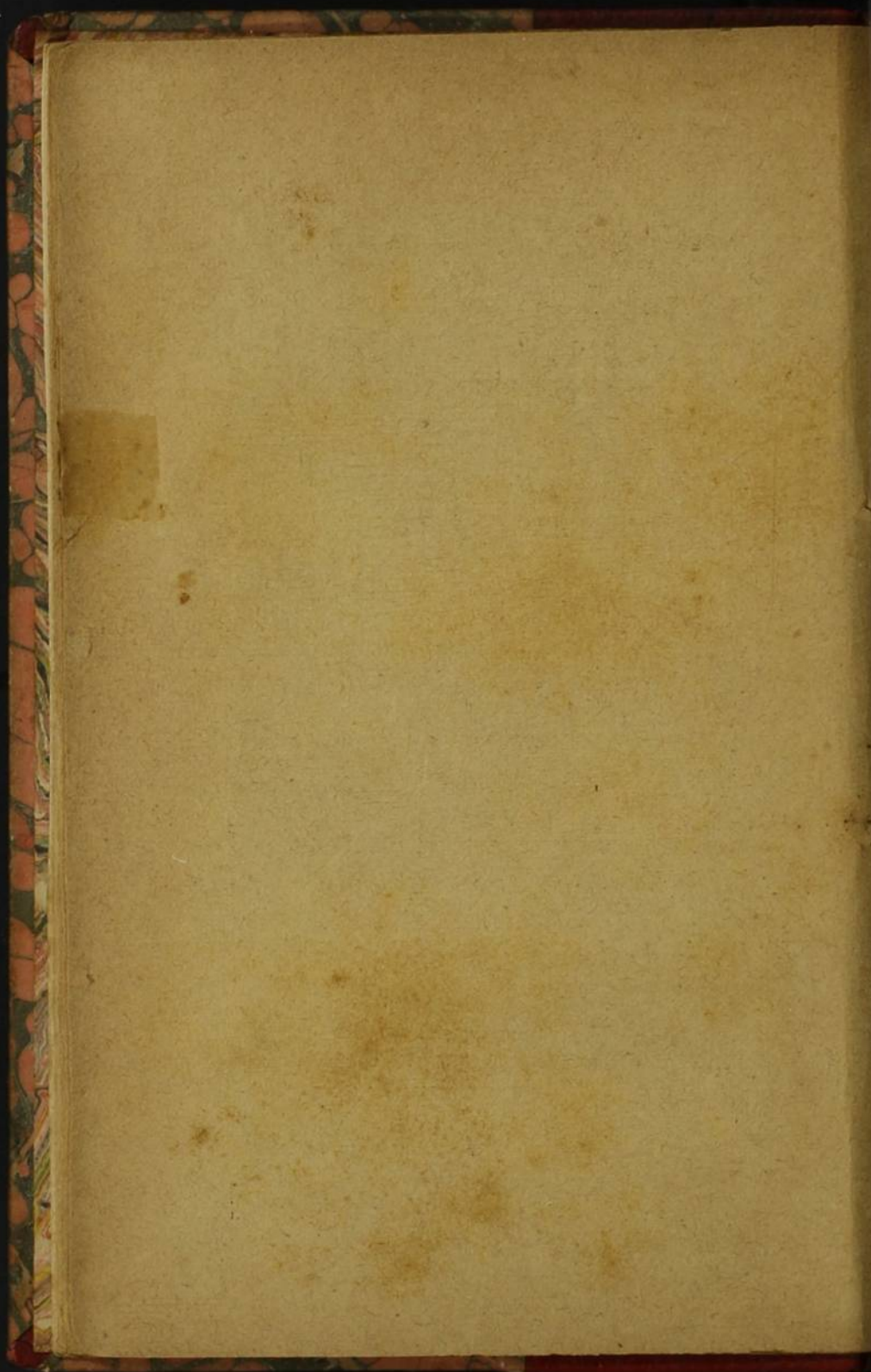
As mil vozes das cousas attenuavam-se, abafavam-se suffocadas pela surdi-

na mysteriosa da treva e da quietitude.

Rouquejava ao longe o despenhar da cachoeira.

A' porta da casa assomou de novo o estranho philosopho e estas palavras taes se ouviram lugubrememente quebrando o silencio de em torno :

— Nada! sempre nada! entretanto corre o tempo, foge a vida... Esta é a unica verdade; e para que eu me não esqueça della, tenho nos meus ouvidos, a toda a hora, esta cachoeira que se despenha no abysmo, medindo o tempo como uma ampulheta eterna.



II

Espaçoso aposento de amplas janellas rasgadas para a vastidão selvagem da natureza.

Mede-lhe o chão de tijolos, a passo vargaroso, Aristo, o philosopho.

Em volta, agrupados, ora em confusão promiscua, ora, sabiamente, em ordem, accumulava-se quantidade de cousas naturaes, sobre o chão, sobre estantes, pendentes das vigas do telhado — verdadeira profusão de museo.

A um canto uma mesa. Grossas, roidas brochuras, livros, papeis rodeando uma lampada.

Transpirava tudo um odor exotico de camphora e de folhas seccas.

Tinha o aposento a physionomia denunciadora da vigilia e da meditação

Mãos dadas sobre as costas, curvado para frente o corpo, silencioso, passeia de um lado para outro o velho.

Apenas se ouve o ruído regular dos passos no soalho e a oscillação compassada de uma pendula.

De fóra entra, pelas janellas abertas, o concerto esfusiado das cigarras.

Recolhem-se no campo, á sombra dos arvoredos, rebanhos e pastores.

Meio-dia.

Um canario da terra, preso em uma gaiola de taquara, faz a um canto do poleiro a sesta das horas abafadas do calor.

Entretanto o philosopho medita.

No semblante concentrado reflectem as rugas a constante preocupação interior.

O olhar illuminado e azul tem a tranquillidade apparente de um céu sem macula.

Sonha ou considera? Phantasia ou investiga?

Tudo que o cerca que diz delle? Accusa um philosopho? Tra he um poeta?

Vêm-se a um canto ninhos entrelaçados aos galhos espinhosos das lorangeiras pelos beija-flores saltitantes. Nelles os ovos pequeninos, que seriam avesinhas, perolas que em esmeraldas se abririam, dormem.

Nos balcões das janellas florescem em vasos o myosotis de mimosa flor azul e o resedá de inebriante aroma.

Do chão, por fóra, sobem pela parede em caracões caprichosos e leves as curiolas trepadeiras, abertas em estrellas de suavissimas côres desmaiadas, azues, de rosa, niveas.

Por certo um poeta habita esta vivenda...

N'outro canto da sala descança, apoiado nas quatro patas, o esqueleto de uma anta. articulado e preparado, como si porventura a morte e a decomposição lhe houvessem apenas consumido as carnes e os musculos, deixando intacta e perfeita toda a estrutura ossea.

Adeante, entre paginas de grandes albuns, systematicamente classificadas, secam innumeradas especies de folhas e de hervas, de todos os feitios, de todas as côres e de todos os tamanhos.

N'uma prateleira exhibem-se varios craneos de simios, cujas orbitas vazias se fixam, arregaladas de espanto, naquelle ambiente exquisito, naquella confusão de cousas accumuladas pacientemente alli pela mão de um póstero original.

N'um pequeno armario a um lado—batalhão homicida de toxicos—enfileira-se um exercito de frascos em ordem de marcha :

uns grandes, pequenos outros : obesos alguns, alguns magrissimos.

Naturalmente um sabio mora nesta casa...

Aristo passeia ainda indifferentemente olhando para o chão.

Subito, pára em frente da janella — a mesma coberta por fóra pelas curiolas pallidas.

Apoia a fronte, de cabellos brancos co-
roadada, no batente, e deixa voar o olhar
pela janella afóra.

Extenso, tranquillo valle descortina-se,
ligeira viração ondula o capinzal dis-
tante.

No meo, quebrando a monotonia do
verde, estende-se a toalha crystallina de um
lago reflectindo a transparencia do céu ;
á borda erguem-se esguios coqueiros tre-
mulos.

Fechando o horizonte desenha-se ao
fundo a linha irregular do perfil das ser-
ranias azues.

Do colmo de uma choupana, que não se
avista, eleva-se oscillando uma tenue es-
piral de fumaça...

Contempla o velho a poetica paiza-
gem, o olhar perdido no panorama de-
licioso amplamente illuminado pelo sol a
pino.

Deixa por fim a contempladora postura; á mesa de estudo senta-se.

Folheia uns grossos livros; fecha-os.

Toma finalmente de uma penna de ganso e n'um livro que estava aberto sobre a mesa continua a escrever meditadamente ás vezes, ás vezes febril, fazendo crepitar no papel os bicos da penna.

Pára por momentos o afanoso trabalho.

Ergue-se, passeia.

Volta novamente para de novo contínuo.

Horas passadas, descança afinal a penna no tinteiro.

Levanta-se e dirige-se a um canto do aposento.

Havia sobre uma estante algumas caixas pequenas. Abre-as. Era uma collecção de lagartas. Aristo procurava os ovosinhos brancos das leves borboletas presas á parte inferior das folhas. Trazia para casa as folhas e os ovinhos imperceptíveis quasi.

Destes saíam as lagartas pequeninas então.

Ia-as alimentando; iam ellas crescendo.

Havia-as de todas as côres: escuras, verdes, brancas, rajadas, bicolores. Algumas carregavam o peso de dous chifres, supportavam algumas o de quatro. Cres-

cidas ás lagartas, dava-lhes o tédio da vida e, certas que estavam da metempsychose, subiam a um gallinho, prendiam-se a elle e despenhavam-se de cabeça para baixo.

Todo o sangue descia para a cabeça ; havia congestão ; morriam...

Caia-lhes a pelle. Ficava pendente toda a parte interior.

Este organismo amorpho, irregular, ia-se accentuando : surgia o casulo

Ficava o casulo dependurado a sazonar como um botão que se ha de abrir n'uma flor, por dias e noutes

Por fim, uma bella vez eis rompia-se a chrysalida e, apparição mysteriosa, via-se uma borboleta, experimentando [primeiro os azas, movendo-as, adejando, e finalmente voando, desaparecer no espaço.

Aristo abriu, observou as caixas uma por uma.

Em umas havia ainda os ovos, em outras as lagartas já, chrysalidas em algumas.

Nestas demorava o exame. Uma entre todas separou. Voltou com ella para a mesa de trabalho.

Collocou sobre dous livros em pé a tampa da caixa de onde pendia o casulo.

Chegara o termo da transformação.

Aquella chrysalida verde naturalmente, de uma côr opaca, parecendo ser feita de cera, apresentava agora um estranho aspecto, um colorido sombrio.

Operara-se a mysteriosa maturidade do feto, ia desabrochar o botão de lá pouco em uma phantastica flor alada; a fecundação ignorada de muitos dias e de muitas noutes ia surgir finalmente chrysalisada em um producto delicadissimo, ostentando em plenitude toda a força transformadora.

Aristo, a cabeça amparada pelas mãos ambas, tinha os olhos fixos na chrysalida, acompanhando cuidadosamente todas as mais insignificantes phases, todos os aspectos do phenomeno.

Iam-se destacando, dentro da gaze transparente que encerrava tudo, confusamente, as côres das azas da futura borboleta.

Havia dentro um vagaroso movimento, constante e irregular.

Aristo pacientemente olhava. Por fim, de alto a baixo rasgou-se a gaze transparente.

Pela brecha saíram uns finissimos pés de fios de retroz, que se agarraram fóra ao casulo.

Abria-se mais e mais a ferida de onde caíam gottas de um sangue escuro.

Pela brecha aberta despenhou-se finalmente todo o conteúdo, que caiu ficando suspenso amparado pelos pesinhos seguros ao involucro que pendia da caixa.

Este volume foi-se desdobrando, desenrolando e abriram-se finalmente as azas.

Umaz azas brilhantes, luminosas, de reflexos azues, tendo uns olhos de circulos concentricos multicores.

Mechiam-se levemente: oscillavam. Fechavam-se e abriam-se, com prudencia, creando forças, preparando-se para o vôo.

Andou por fim a borboleta; saiu da humilde casca do casulo, subiu para cima de um livro.

Neste momento o philosopho tomou-a na palma da mão e estendeu o braço fóra da janella.

Ella abriu e fechou as azas ainda umas vezes, experimentando-as.

Por fim ergueu-se da mão do velho e airosamente adejando com garbo foi, n'uma parabola, pousar n'uma arvore defronte.

Minutos depois adejou de novo, e em curvas irregulares subindo e descendo, internou-se pela campina, affagada pela brisa

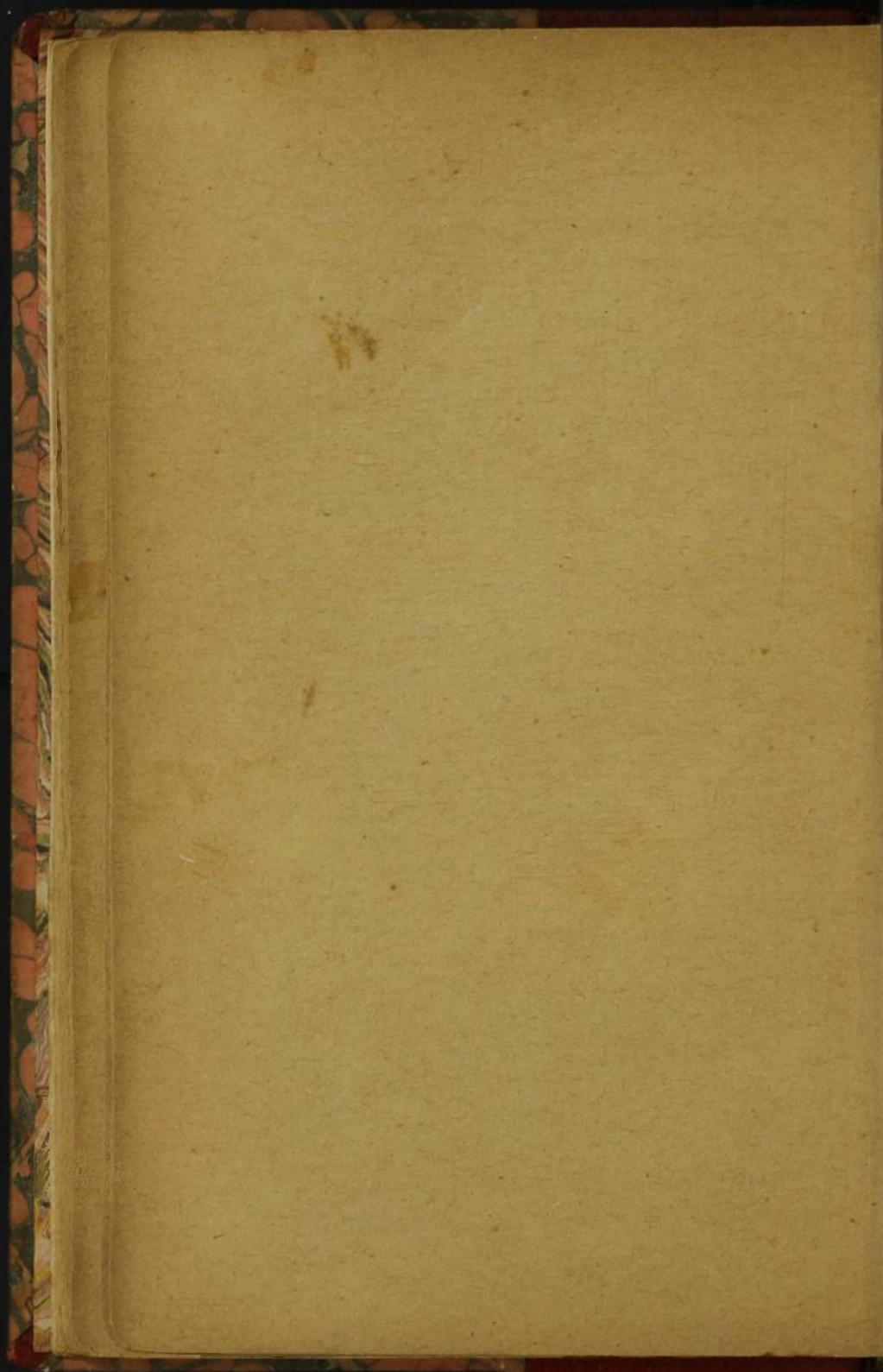
da tarde, que passeiava então, vagarosamente, pelos valles.

Perdeu-a dos olhos Aristo, que a vira partir com estranha saudade.

Neste momento assomou á porta do interior a estatura cansada de um preto velho.

Aristo voltou-se.

Pelo philosopho esperava a refeição.



III

Quando o sol, chegado á extrema do horizonte, desapareceu por traz de uma cordilheira longinqua, Aristo tomou de seu bordão, poz á cabeça um desabado chapéo de palha e retomou a estrada da collina predilecta.

Do atto estendia-se a paizagem do sertão, que se transformava sob as tonalidades da luz crepuscular.

O philosopho estendeu-se na relva.

Por este mundo além que os seus olhos descortinavam, mais além, mais além, onde não attingia a vista humana, por toda a superficie da terra, enredando-a, sugando-a, deformando-a, prolifica-se o interminavel rebanho devastador dos homens.

Cada dia que corre, cada hora que voa para a voragem immensuravel do passado,

marca uma conquista do homem destruidor sobre a fecunda natureza

Vê-se por toda a parte armado o acampamento do guerreiro eterno, eternamente em lucta, lucta de morte, lucta sem treguas.

Longe, a beira do oceano, ou na planura dos valles, outr'ora silenciosos e amenos, erguem-se, bulhentemente, as grandes cidades—colmeias de abelhas inimigas.

Ahi vivem accumuladas as creaturas humanas, sob a pressão mortificante do choque dos interesses, sob o dominio humilhador dos preconceitos e dos poderosos.

Sobre todos, um unico factor do poder e da fortuna domina—o acaso.

Uma só certeza tem o homem da existencia—o momento actual.

Desta certeza nasce o encarniçamento da lucta, a despreocupação pela tranquillidade recompensadora do amanhã.

Afrouxam-se os freios contenedores—religião, honra.

Nasce a falta de garantia; domina o terror, a desconfiança.

Suborno, concussão, eis a norma...

Esta era a paizagem espiritual que ia Aristo desdobrando melancolicamente sobre a exuberancia florescente da natureza.

Como que a sombra que se accumulava no espaço era formada pelas meditações que desprendia seu espirito pessimista.

Como era triste aos seus olhos dissecadores o fundo pantanoso da sociedade hodierna!

Para quem pensa, para quem medita, felicidade és o ideal inacessivel, és o termo, cada vez mais remoto, da longa estrada, em cujo pó cairemos um dia mortos de desanimo, mortos de desespero, mortos de cansaço!

Aristo soffria de uma pavorosa enfermidade da alma— a nostalgia do paraiso.

Elle desejava viver em um mundo perfeito, onde todos fossem irmãos, onde a nudez fosse a veste, o fructo fosse o alimento.

Soffria as dores de todos os mortaes; cunpungia-lhe o coração a piedade de todas as crianças sem berço e sem leite, de todos os velhos sem um lar que os reanimasse, de todos os invalidos sem remedio, de todos os tristes sem consolo. Sentia a alma tão grande, capaz de aninhar dentro della todas as almas soffredoras do mundo.

Para esquecer a alma, para adormecer o pensamento, julgou achar remedio unico na sciencia, na especulação ininterrupta e absorvente das leis do mundo physico.

Como um fanatico entregou-se ao estudo profundo dos mysterios e dos segredos da ebullição continua do universo.

O neophito tornou-se tempos depois sacerdote magno iniciado em todas as secretas relações naturaes, desde as orbitas dos astros até á cõpula subterranea das arvores.

Lá mesmo, porém, no mundo novo que creara em torno de si e onde vivia o espirito um pouco esquecido das desgraças do proximo, lá mesmo entre os astros entre os vegetaes, entre os animaes, achou sua alma compassiva e misericordiosa alimento á compaixão e á piedade.

Encontrou no mundo physico a mesma ordem entristecedora do mundo social.

O dominio dos poderosos por natureza, o abatimento dos fracos, o desconsolo dos tristes.

Toda a sciencia que Aristo adquiriu veiu-lhe ensinar a submissão humilde dos astros — inconsciente corporação de vassallos; o ventre insaciavel dos sóes — comedores de estrellas; o captivo eterno das luas melancolicas — pobres escravas enlanguecidas de saudade, talvez dos seus amantes, talvez dos seus paizes...

Narrou-lhe a emboscada traidora das flores carnivoras, attrahindo pelo avellu-

dato das petalas succulentas, pela transparencia do pollen cõr de ouro, a fome dos insectos desprevenidos e incautos e os prendendo depois, os esmagando, os absorvendo com as garras macias, mas vigorosas; odorantes, mas assassinas...

Revelou-lhe a existencia das plantas parasitas, que se aninham humildemente, hypocritamente, no seio das arvores que se abrem para recebê-las em germen e que brotam, crescem, ramificam, proliferam e alimentam a vida á custa da vida do carinhoso seio que as recebera, sugando a seiva toda, estalando todas as fibras, esgotando-lhes todo o sangue generoso...

Reconstruiu-lhe a sciencia os duellos encarniçados dos monstros primitivos da epoca jurassiana. o ichtyosauro dos lagos o plesiosauro dos campos.

A lucta medonha e duradoura, que terminava quando um dos combatentes caia inanimado e o outro se afastava tacitamente para ir tambem morrer, victima dos golpes do inimigo, ou no fundo invisivel do lago ou na recondita solidão sombria de uma caverna lacustre.

Confiou-lhe o segredo do longo martyrio ignorado da crystallisação dos diamantes e o fabrico inquisitorial do ouro nas fornalhas reconditas do centro do globo.

Fez-lhe saber a vida isolada e triste dos batrachios—os párias, os filhos de Caim, orphãos da magnificencia da natureza, expulsos do banquete harmonico dos perfumes, das côres e dos cantos, arrastando a existencia penosa dentro da lama dos charcos, tendo como consolação unica, em seu desterro, a lagryma de prata, palpitante, das estrellas, que vem pela calada da noute cair na solidão ignorada dos pantanos...

Aristo chorava então pelas miserias inconsolaveis da natureza, cujo reconhecimento lhe ia o estudo pouco a pouco propinando, como pasto á alma insaciavel de piedade e commiseração.

Voltou o primitivo estado de espirito, aggravado agora pela certeza, pela desesperança quasi de achar algum dia um balsamo, um remedio, uma embriaguez que o afastasse para muito longe da sua atra philosophia.

Estendia a piedade desde as crianças mendigas, expostas ao sol e á chuva, pedindo um pão, uma esmola, até á ovelhinha inoffensiva e fraca que se desgarrado do rebanho e que o lobo sanguinario encontra, no silencio da noute, procurando medrosa o desejado aprisco.

Vibrava-lhe as cordas sensivels da alma.

tanto a desgraça de um ancião ferido pela morte de um filho, como a lamentação, contada ao vento, de um cedro que altaneiro no cume de uma serra fosse abatido por um raio, durante uma noute de tempestade.

Acabrunhado, Aristo vivia, solitario, no meio dos homens.

Doia-lhe a propria alma palpitante pelas dores, pelo soffrimento de todo o universo; queimava-lhe ella o coração como uma tunica heraclea infiltrada no negro veneno lento de toda aquella magua infinita.

Era-lhe um doloroso sacrificio a vida.

Pensou na morte — o descanso eterno, o desaparecimento da alma, a negativa da meditação.

A morte lhe appareceu como o ideal, como a ventura, como a ambicionada perfectibilidade.

Acarinhava, voluptuoso, a idéa que lhe sorria lugubrememente entre os serenos raciocinios, como um relampago entre nuvens tenebrosas, prenhes de borrasca.

Nisto, no horizonte tempestuoso, um crepusculo indeciso, uma tenue, longinqua claridade vespertina, como uma esperanza fagueira, despontou.

Deixar os homens para sempre e o bulício febril perturbador dos grandes centros, fugir para longe, para um canto selvagem desconhecido do mundo e ignorado, viver da contemplação da natureza virgem, da poesia bucolica das campinas verdejantes, da embriaguez mystica dos vinhos sangrentos, dos crepusculos da tarde...

Procurar um canto do universo, habitado apenas pelos derradeiros felizes, pelos quasi-selvagens, pelos ignorantes de tudo, que levam ainda a vida quasi patriarcal dos nossos primitivos antepassados.

Procurar esse canto appetecido e quieto e nelle viver e nelle esquecer e nelle morrer...

IV

Era noute fechada quando Aristo entrou silenciosamente á porta de sua habitação. Accendeu a lampada que estava sobre a mesa.

Entornou-se pelos objectos estranhos accumulados em torno uma claridade tenue que projectava sombras exquisitas pelas paredes, dando uma apparencia phantastica ao aposento.

Aristo recommçou o habitual passeio ao comprido da sala — monge solitario medindo o longo corredor do claustro adormecido. Em volta da casa, silencio e trevas. Apenas se ouviu o ruido confuso das vozes da natureza.

Pensava o philosopho. Pouco a pouco foi-lhe invadindo a velhice.

Sentia approximar-se o termo da jor-

nada, atormentado agora pelo reconhecimento da propria inutilidade, pela certeza de quanto profundamente esteril tinha sido a existencia, longa entretanto.

Que fizera elle para bem dos homens, cujos soluços de angustia tanto echoavam pelos horizontes amplos de sua grande alma ?

Que fizera de bom ? de proveitoso ?

Esperdiçara os annos e a actividade na meditação infecunda, lamentando os males do mundo sem os alliviar, sem lhes achar remedio.

Reconhecia-se pequeno e humilde e vendo-se humilde e pequeno — homem como os outros homens de que elle tinha compaixão — envergonhado, compadeceu-se tambem de si.

E então, ferido no orgulho indomavel prostrou-se pesadamente, sobre uma cadeira, offegante e sombrio, deixando correr pelas faces descoradas, lagrymas e lagrymas...

Repousava em torno da solitaria vivenda, a natureza, sob o pallio faiscante das estrellas noctivagas.

O diadema de ouro do novilunio, sobre uma ondulação de nimbus, vagarosamente descia o espaço.

N'um pouso de tropeiros, que se abar-

rancavam no meio da campina, uma viola gemia acompanhando uma plangente cantilena sertaneja.

Dentro, sobre a coberta de sapê, crepitava um brazido de labaredas sangrentas.

Ouvia-se, a espaços, o bimbalar do cinferro de um animal da tropa que pastava.

Era a unica manifestação do mundo exterior, que a horas taes vinha se insinuar no espirito de Aristo.

Aquella musica distante, aquelle olho de fogo aberto na treva, destacando da tela escura da noute, com reflexos rubros, alguns vultos de tropeiros agachados atraz das pilhas de cangalhas sobrepostas, aquella vibração de agudos cinferros dissolvendo-se em notas interrompidas a espaços, toda aquella scena, tão carcteristica dos sertões das provincias do centro, tomava aos olhos e aos ouvidos allucinados do philosopho os aspectos de um vislumbre do inferno catholico, as proporções de um pesadelo agitado desde as chammas da caldeira até ao choro magoado das victimas e a gargalhada metallica de Lucifer...

Que lhe queria aquella visão phantastica de expeiadouro da humanidade, na lenda infantil das crenças agonisantes de nossos avós ingenuos?

Que lhe queria aquella reproducção animada do supplicio e do castigo do homens, que surgia agora ao espirito descrente como um reverbero de remorso e de saudade da primeira infancia, passada entre os ensinamentos e a calentura do collo de mãe carinhosa, ensinamentos tão depressa esquecidos logo que se esfriou o seio materno na humidade algida e corruptora do chão de um tumulto?...

Ria-se, então, desse inferno, cuja vista agora surgia, em seu espirito acabrunhado, como a evidencia do erro, como a prova chammejante do reconhecimento tardio da verdade.

Talvez, si tivesse deixado a alma embalada pela doçura suave e mystica das crenças primitivas, si tivesse partido para a conquista da ventura amparada ao bordão do romeiro e guiando os passos para a collina ingreme, coroada pela cathedral magestosa onde nasce a fonte lustral que lava a macula de todos os peccados, e sob cujas abobadas seculares e ensombradas se falla com Deus e aspira-se a emanação purificadora do consolo e da graça, talvez, por esse caminho fosse mais amena a enseada a que aportasse afinal.

Ergueu-se por fim o vulto abatido do philosopho.

— Faz-me a velhice criança!... murmurou; que desvario infantil se apoderou de meu espirito...

Crer, esperar!... Educar a alma na doce persuasão da recompensa futura, reduzir toda a esperança, toda a felicidade, todo o ideal a esse premio consolador do outro mundo, para, por fim, experimentar o desgraçado, nos momentos finaes da dolorosa existencia, a mais completa, a mais acabrunhadora, a mais terrificante das desillusões. .

Crer nesta bemaventurança é preparar o espirito para, na lucta final da agonia extrema, no momento dos momentos em que se fende o tympano sensivel e tenuissimo da alma, no instante supremo em que se opera a nova transfusão do organismo humano na incansavel retorta onde se verifica a alchimia mysteriosa das transformações, é preparar o espirito para neste tremendo atomo de tempo escutar, no crepusculo final da quasi-morte, o resoar longinquo dos accordes da symphonia eolea dos archanjos, presentir os perfumes dulcissimos das petalas invisiveis da rosa mystica, entrever os primeiros reflexos de luz beatifica dos olhos macerados de pranto e soffredores do angelico Nazareno...

Crer nesta bemaventurança é preparar a alma para a entrada solemne no seio luminoso da gloria divina e reservar para o ultimo instante do homem o horror subito e repentino, o desabar de todo o castello de mysticismo, ao primeiro contacto com o vacuo insondavel e negro, sem echo e sem limites, do nada absoluto...

Não! não creio! De todas as desillusões que o mundo nos reserva, ao menos esta, derradeira e tremenda, não tel-a-has, meu espirito triste...

Calou-se o velho.

Calaram-se tambem os gemidos da viola e a languida cantilena dos tropeiros, adormecidos agora; o brazido fechara sob as palpebras de treva a pupilla sangrenta; apenas, a espaços, ouvia-se ainda o bimbalar do cincerro de um animal da tropa que pastava

Erguendo-se do abatimento moral em que se tinha prostrado, Aristo foi violentamente sacudido por uma reacção saudavel, continuando com a mesma calma superior as meditações sombrias a que entregava a alma doente, recuperando toda a presença de espirito e tranquilla apparencia de que se servia, como de uma armaduea para atravessar inacessivel a curiosidade dos homens.

A força consistia em não deixar-se dominar pela duvida, em não ser arrastado pelo delirio, em não se despenhar no abysmo negro do terror do futuro e se confundir com a turba-multa dos que esperam, dos que ignoram...

A superioridade consistia em saber isolar-se e se elevar tão alto de modo que se tornasse invisivel dos homens como o pico do granito do Teneriffe, eternamente mergulhado nos turbilhões de nuvens que o envolvem.

Continuou a alma do philosopho a pairar na região altissima e vertiginosa, de onde ella, com os olhos de albatroz, saudava a profundidade luctulenta do tumultuoso pego da vida humana.

Pensara na esterilidade da existencia inutil que arrastara tão longos annos pelo mundo...

Nada fizera de bom ! exclamara no auge do desespero... Entretanto meditava agora, com a frieza dos raciocinios lucidos:

—Que podia ter feito ?

Qual é o bem de que a humanidade necessita ? Qual é a perfeição de que ella é susceptivel ?

Transforme-se a sociedade actual, venham os reformadores implantar e arraigar as idéas revolucionarias de hoje, dê-se

nova phase ao desenvolvimento social, nova orientação aos principios de direito, revolva-se profundamente a terra, ergam-se novos alicerces para o grande edificio e, ao fim da obra secular, não terá o homem deixado de ser o que hoje é—um systema de esgotos ambulante, a materia prima do verme...

Nada mais...

Estude embora, accumule sciencia; trabalhe embora, accumule dinheiro; seja um sabio, seja um Creso, não se libertará jámais de todas as desgraças que envolvem lugubrememente, como uma teia, o homem de hoje; não se libertará jámais da tyrania absoluta do ventre e da alma.

Qual o remedio de que precisam os homens, si o proprio mal é a vida?

Qual o meio de cura, si o homem conserva a existencia dando alimento ao mal de que padece?

Qual a resposta logica a estas interrogações tremendas que avultavam satanicas no espirito de Aristo?

—A morte! a morte! murmurava o philosopho; a morte, eis o unico remedio, contra esse mal—a vida...

Adhere-se, organisa-se, desenvolve-se, anima-se certo numero de moleculas para, formar o corpo de um desgraçado que

desperto do primitivo nada, enceta uma vida de padecimentos e dores, por longos annos para elle, um segundo apenas na duração eterna da materia em evolução no tempo e no espaço.

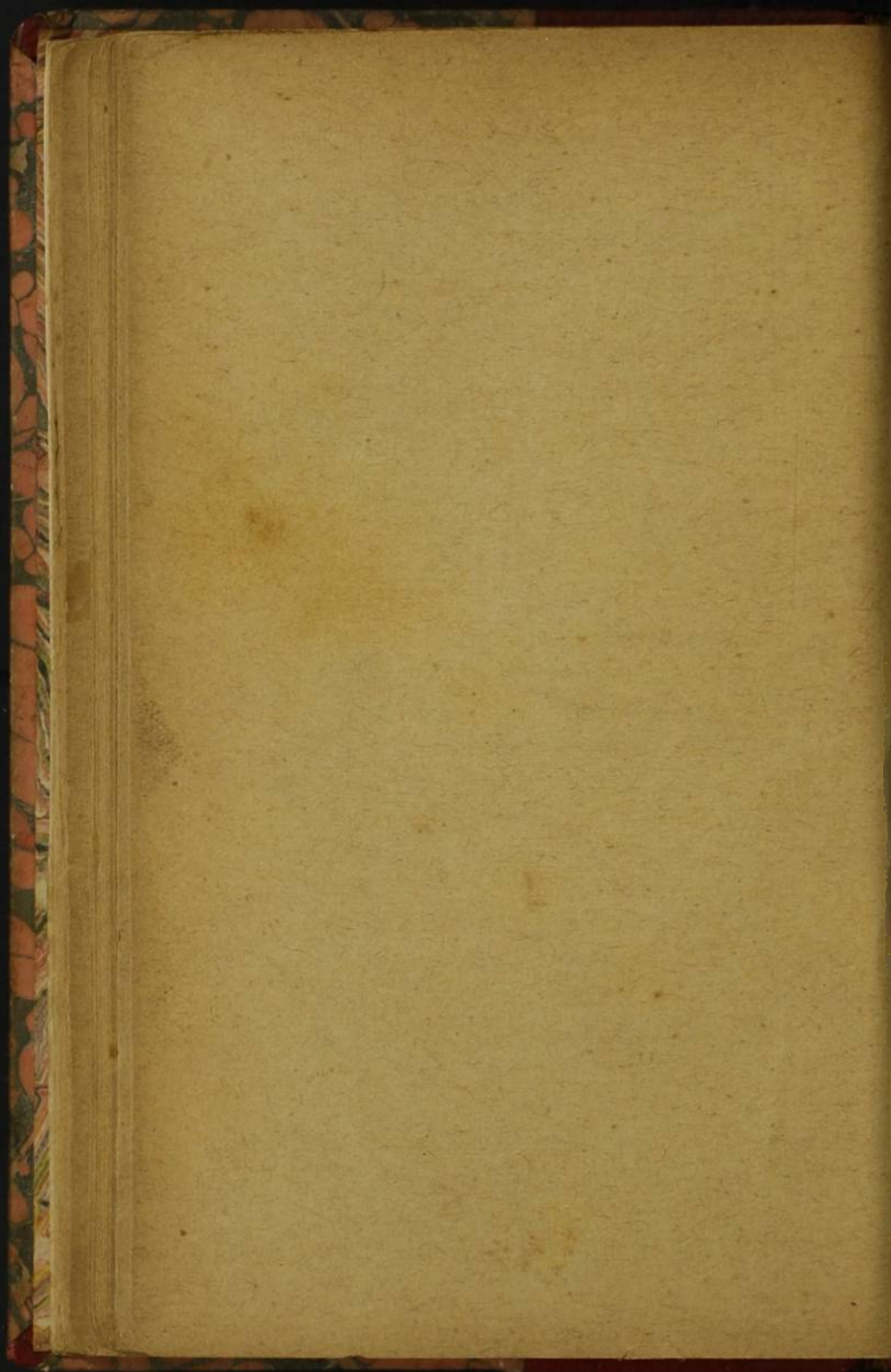
A symphonia das maguas vae n'um crescendo continuo até estalarem, uma a uma, todas as cordas do instrumento.

Então volta o corpo de novo ao primitivo nada, volta ao descanso, de onde foi tirado apenas para fruir o seu quinhão de ventura em troco do quinhão, mil vezes maior, de desventura.

E' isto a vida, a longa vida infinitamente pequena.

Feliz quem observa a approximação do fim e com olhos scientes encara o instante angustioso, como o advento do ideal, que por fim nos chega, como a embriaguez desejada, que por fim nos vem dominar, nos vem adormecer no somno sem ma-
drugada, extreme de pesadelos, que o não perturba o sonho...

Melhor momento, ambicionado instante; angustioso assim mesmo.



V

Tal a existencia que ia levando no seio tranquillo e carinhoso da natureza o triste velho, cuja alma era agitada pela preocupação de todas as paixões, de todos os interesses da humanidade, como uma bandeira plantada no tope de um mastro, sacudida por todas as correntes impetuosas dos vendavaes.

Deixou um bello dia a convivencia hypocrita dos homens e emergiu, desconhecido e solitario, neste canto remoto do mundo, onde, de então em diante, lhe correrá a vida aparentemente placida.

Ahi viu chegar o inverno e coroar-lhe de neves eternas a fronte contempladora.

Nenhum contacto, nenhuma relação com o resto da terra que continuava a

fermentação prolifica, ignorante do philosopho, que no longinquo exilio chorava pelos seus males irremediaveis.

Intervalladamente, estrangeiros que passavam perto, sabios, attrahidos pela exuberancia da flora tropical, viajantes, avidos da contemplação dos mil differentes aspectos maravilhosos da natureza americana, tendo sciencia, por algum filho daquelles valles, do estranho viver do velho solitario, iam vel-o, como a uma curiosidade unica,

Esses lhe davam noticia dos progressos da civilisação e das conquistas da sciencia.

Punham-lhe ao corrente das revoluções sociaes, das guerras sanguinolentas que tinham flagellado o mundo e mudado os destinos das nações e os limites geographicos.

Fallavam-lhe da crise geral que por toda parte minava a ordem de cousas estabelecidas, da hydra incendiaria do socialismo, que se erguia poderosa e invencivel, e cujos uivos de colera vibravam na solidão do firmamento social, abalando nas orbitas as instituições.

Eram essas visitas o eco unico que lhe chegava da vida dos povos, do desenvolvimento dos homens, e ellas lhe attes-

tavam que o mundo caminhava, se internava cada vez, mais assanhadamente, pela senda odiosa da lucta pelo interesse.

Cada vez melhor se sentia no isolamento do voluntario exilio, bem no amago da natureza selvagem.

Aquella gente que o cercava, ignorante e descuidosa, vivia tranquilla, pouco se importando com o mundo e com o que não dissesse respeito directamente ao rebanho, á roça, á forja.

Remoto arraial plantado pelos exploradores do ouro no tempo da abundancia prodigiosa e da facilidade extrema de colheita, teve uma prosperidade momentanea emquanto duravam as explorações.

Agora em completa decadencia, era apenas habitado pelos naturaes do logar, que alli nasceram e alli deverão morrer, como aconteceu aos avós, como ha de acontecer aos filhos.

Nenhum signal de progresso e de vida.

Longe de centros populosos, sem vias de communicação, vizinho apenas de arraiaes pequenos como elle, com quem nutria as unicas relações commerciaes, o arraial que Aristo habitava, vivia apenas da vida official de um ponto lançado por

um bico de penna nos mappas de topographia.

O philosopho, caindo neste meio quasi primitivo, assumiu logo aos olhos de todo o povo do pequeno logarejo, proporções extraordinarias de habitante de um mundo differente e estranho, pela mysteriosa chegada, pelo solitario modo de vida e genero de occupação original.

O espanto que causara o apparecimento quasi phantastico de Aristo, foi pouco a pouco se transformando em respeitosa admiração, ao passo que iam todos se certificando de que era um animal inoffensivo, aquelle estranho animal.

Para encurtar os longos dias de meditação dolorosa, entregou-se Aristo á procura de curiosidades naturaes e ao estudo, ao vivo, dos phenomenos todos da natureza terrena.

Andava os dias inteiros varando os mattos e os capoeirões em busca de especies de folhas para os herbarios que começou a fazer.

Classificava-as, descobria-lhes a familia, a genealogia.

Nas cavernas, nas grutas, bem conhecidas dos filhos do paiz, desceu.

Nellas encontrava ossos fosseis dos animaes primevos, que do somno secular

das cavernas passaram ao somno ignorado do museu solitario do sabio perdido num ponto desconhecido do globo— poderosos contingentes para a reconstrucção da historia natural da terra, cujas paginas não lidas ainda a natureza não tem voz para narral-as.

Sondou as camadas geologicas do terreno pelas grotas immensas sulcadas no solo pelas agoas avolumadas dos grandes rios.

Estudou os metaes que se formavam nestas camadas, os granitos que se estratificavam, os mineraes que se crystallisavam.

Varejou o alveo dos rios sussurrantes, estudou-lhes os moradores invisiveis das aguas.

Observou, historiou, classificou a fauna variadissima da zona, cujas especies, desde o tigre pintado, que habita a furna de pedra, recondita, lascada, aberta no fundo do despenhadeiro inacessivel, até á pequena preá, rapida, subtil, que se occulta no capim dos vargedos, seus olhos viram na completa liberdade selvagem de um paraíso.

Internou-se no adito virgem das florestas seculares.

Chegou-lhes bem dentro do coração, e

sentiu-lhes o palpitar da seiva fecunda que se manifestava na ebullição harmoniosa de milhares de vidas que se expandiam em zunidos, em florescencias, em silvos, em arrulos.

Communicou a alma doente com a alma sadia dos bosques sombrios, aspirando a fragrancia salutar das solidões ensombradas e humidas, sob a copa tremulante e musical das franças do arvoredado.

Colhia nos troncos cheios de musgo os ramalhetes originaes das orchidéas valiosas. Tinha perto de casa um viveiro destas plantas exóticas.

Possuia-as das mais exquisitas côres, dos mais rendilhados moldes. Algumas de uma sobriedade primitiva : — quatro petalas brancas aveludadas, oblongas, no centro uma pulverisação de côr pallida, nada mais, mas esse pouco tão nobre, tão sem macula...

Outras de caules caindo ao peso de uma infinidade de florinhas irregulares, bizarras, multicores...

Outras ainda — pombas de azas espalmadas, presas, immotas no ar, na acção do vôo, como que em extase...

A estas multiplas occupações, scientificas umas, curiosas, artisticas outras,

entregou-se Aristo passando com ellas a maior parte do dia.

Afeito a esta vida bucolica de ermitão descrente, o philosopho foi vivendo cercado do respeito e da veneração dos moradores do arraial, que viam nelle mais que um homem, um santo.

Tudo que encontravam no labor diario, de curioso, de exquisito, traziam de noute ao sabio, que juntava á collecção, que ia crescendo, avultando diariamente.

Foram-se os annos passando e Aristo tornou-se como que o genio, a alma daquellas solidões remotas.

Todos, ao vel-o passar para as excursões diarias ou para a contemplação da tarde, saudavam-no solememente, meio respeitosos, meio timidos.

Ninguem se approximava delle, como ninguem tentara ainda escalar o pico altissimo e escalavrado de pedras que se alteiava sobre todos na serra que dominava o valle.

Sentiam-se todos pequenos ante o grande homem que surgiu certa vez, mysteriosamente, não se sabe de onde, e que nunca mais, nem por um só dia, se ausentou daquellas paragens pittorescas.

Sentiam-se pequenos, mas amavam-no entretanto, de um amor silencioso, quasi irresistivel.

Nunca Aristo fazia um gesto, uma acção que pudesse de leve maguar quem quer que fosse.

— Era um santo, diziam.

Tambem o sabio achava-se bem entre aquelles felizes que o cercavam, felizes porque ignoravam, felizes porque criam e não tinham que arrastar a vida das cidades populosas, em que ha mais preconceitos que almas, e onde tem o homem de lavar com as lagrymas a camisa que tem o dever de vestir limpa...

Ahi não lhe despertavam os olhos as maguas do coração e ia o misanthropo vivendo entre a ignorancia do que se dava pelo mundo e o conhecimento da natureza pagã em que vivia.

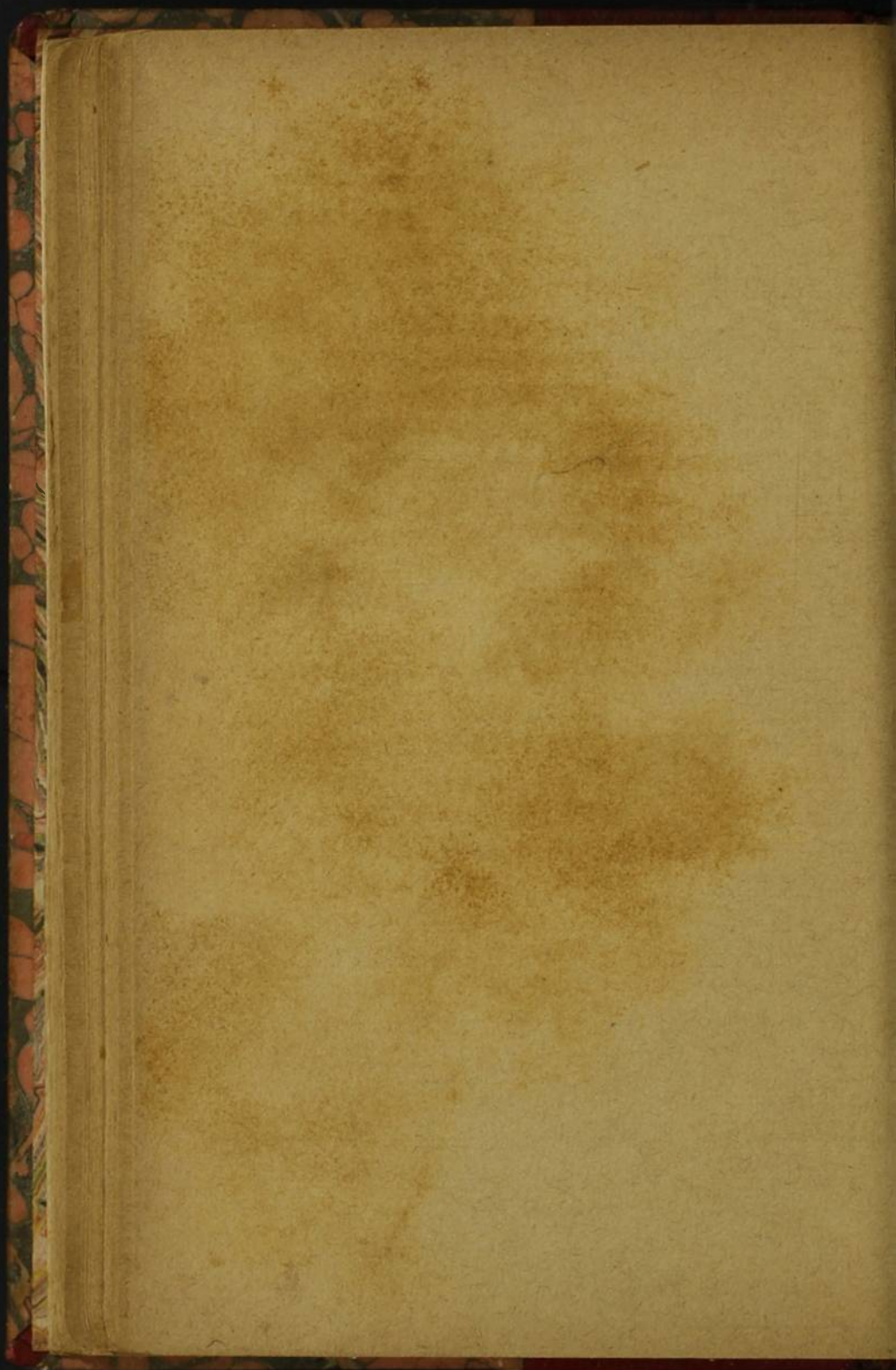
E não tinha saudades dos primeiros tempos da vida.

Não tivera parentes; amigos não os quizera.

E a alma tão sensivel entretanto não possuia a corda em que vibravam os olhares ternos de meigos olhos scintillantes, nem a perfumada dehiscencia dos labios còr de rosa...

Não tinha saudades da vida que vivera.

Apenas, quando contemplava a paisagem remota do ermo que habitava e ouvia o eco dos uivos longinquos dos tigres nas lapas e das arapongas estridulas nos bosques silenciosos e encontravam seus olhos scismadores um casal amoroso de camponios que passava, descuidado, embaixo, na pradaria, á luz dolente do crepusculo, lembrava-se da primitiva e ingenua felicidade dos homens e tinha saudades, profundas, dolorosas saudades . . .



VI

De uma vez que trabalhava Aristo sentado á mesa de estudo, em frente da ampla janella que abria para o descampado silencioso, veiu, como acontecia muitas vezes, surprehendel-o a aurora no solitario labor.

Era noute já quando elle, deixando a eminencia tranquilla de onde fora assistir mais uma vez ao eterno espectaculo, sempre novo, do cair da tarde, voltou para a taciturna vivenda, onde morava com seus herbarios e com seus tenebrosos syllogismos.

Em casa, antes de fazer luz na lampada, prostrou-se, fatigado, em uma cadeira comprida de lona, em que ás vezes costumava descansar o corpo velho e adormecer por instantes o espirito abatido.

Algumas horas passaram sobre aquelle ropouso.

A mesma tranquillidade do aposento reinava fóra em plena solidão, dentro da treva espessa de uma noute sem lua. Como a alma do philosopho descansava tambem a alma das cousas, adormecidas agora depois da orgia tumultuosa e fecunda de um resplendente dia de sol...

Apenas corria o tempo.

Ouvia-se um sussurro indistincto como o tropel dos invisiveis pés, que se affastavam rapidos...

Longe, rouquejava a cachoeira despe-nhando-se, incessantemente, no seio mysterioso do abysmo.

Despertara-se por fim o sabio misanthropo.

Trouxera-lhe o descanso novas forças de que já ia sentindo falta o corpo envelhecido.

Medira por algum tempo a sala com passo vagaroso e sentara-se á mesa para continuar a vasar no papel um pouco do turbilhão de pensamentos que lhe transbordavam do cerebro.

Neste labor solitario veiu surprehendel-o a aurora indiscreta.

Soprava, cantando nas folhas dos arvo-redos uma viração fagueira e fresca.

Rasgara-se no horizonte longinquo a cortina de treva deixando ver umas fitas de purpura das roupagens matutinas do sol, que ainda não pensava em levantar dos macios travesseiros a cabeça adormecida.

Ia-se adelgçando a noute espessa que velava as paizagens da natureza.

Como que das bambinelas phantasticas das nuvens, machinistas invisiveis alçavam, uma por uma, as muitas telas de escura gaze transparente que accumuladas formavam a muralha impenetravel da noute.

Ia-se atravez da treva rarefeita destacando o perfil longinquo das serranias distantes.

Aristo deixara o trabalho para contemplar a scena maravilhosa do arrebol, o despertar das paragens de entorno que elle tanto amava, o emergir quotidiano dos picos das serras do silencioso oceano de sombras. Assistia o espectaculo ás avessas, do crepusculo da tarde, a reciproca geometrica do fim do dia.

De tarde é a natureza que se dissolve na chaos, agora era o chaos que se organisava novamente nos variados e verdejantes accidentes da natureza.

Subito ouviu Aristo, fóra, o rumor

crescente de alguém que vinha correndo.

Ergueu-se e antes que pudesse chegar à janella do lado de onde vinha o rumor, afim de ver o que seria, quatro pancadas fortes dadas na porta de madeira echoaram extranhamente pela solitaria habitação...

Quem a taes horas se atrevia a vir perturbar a serena meditação do philosopho triste ?

Que facto extraordinario succedera na vida da puelles l. gares desertos quasi para que viesse alguém assim precipitadamente procurar no afastado retiro, a horas taes, o velho taciturno ?

Surpreso foi Aristo abrir a porta a quem por esse modo lhe pedia que abrisse.

Fóra estava o vulto inquieto de um camponez, que vendo o philosopho na soleira da porta, disse apressadamente, entre soluços doloridos—que ella, a boa companheira da vida, tinha agora mesmo morrido e que lá estava em casa estendida fria, fria na cama.

—Que me queres então ? disse o philosopho.

—Quero que o senhor vá vel-a, pelo amor de Deus.

—Para que ? volveu sobriamente Aristo, para que, meu filho. si ella está morta ?..

—Ah ! meu bom senhor ! quem sabe

tanto deve saber tambem alguma cousa para a morte. E' tão horroroso este acontecimento ... Venha, meu senhor ! venha commigo, venha ver si a póde salvar ainda,

Esta scena passou-se fóra ao ar livre, sob a tenuissima claridade da aurora incipiente. Compadeceu-se o velho daquella dôr tão profunda.

— Vou contigo, disse.

Entrou para tomar o chapéo e o bordão.

Saindo a porta que cerrou, seguiram os dous o tortuoso trilho que leva ao arraial, sem trocar entre si uma palavra.

A espaços uma explosão de soluços irrompia da garganta do misero camponez que ia na frente, com passos apressados, correndo quasi.

Olhava repetidas vezes atraz para o velho, como a lhe pedir que corresse tambem.

Aristo fazia o seu caminho taciturno.

— Que ia fazer a casa da morta ?

Fez mal em acceder ao pedido do camponio, pois só vei u lhe atear na alma uma infundada esperanza, que elle era impotente para satisfazer.

Doia-lhe, entretanto, a magua do desgraçado esposo e tinha, elle mesmo, o austero

philosopho, cheio de lagrimas os olhos desbotados...

Não se pôde furtar ao desejo do infeliz, em cuja resolução elle entreviu tanta confiança ingenua.

Atravessaram o capão que fica entre a casa de Aristo e o arraial e tomaram a estrada que conduz a este.

Cantavam á beira dos caminhos os passaros despertos, ha pouco, a symphonia primeira da madrugada.

Desmaiavam as estrellas na syncope que lhes causava a chegada triumphal da luz.

Havia em todas as cousas uns tons de claridade verde, de esperança...

Chegaram por fim á pequena povoação, que despertava agora, sobresaltada pela noticia infausta da morte da formosa Eulalia.

A' porta de uma casa o camponez parou.

Della saíram alguns vultos tristes de mulheres, que aguardavam contiadas a chegada do santo.

Momentos depois, Aristo era introduzido na casa mortuaria, entre respeitosas e sussurradas saudações de todos.

Na sala da frente, sobre uma cama larga de altas costas de madeira, sem verniz, no meio do aposento, rodeada de alguns tam-

boretas de couro, jazia inerte o vulto estendido da rapariga.

Havia em uma mesa, velas acesas em volta de um Christo aberto em pão por algum esculptor desconhecido do arraial, e na parede, pregados nas quatro pontas, gravuras coloridas de santos milagrosos

Aristo tomou de uma vela e observou a physionomia da morta.—formosa creatura de vinte annos talvez, morena e cheia de corpo, agora pallida e opaca como inanimada figura de cera...

Abriu-lhe uma das palpebras que deixou ver dentro a orbita tenebrosa do olho, conservando-se assim aberta depois que o sabio lhe retirou o dedo.

Fixava lugubrememente o tecto de telha, vão aquella unica pupila aberta no rosto descorado e angelico da adoravel creatura, insensivel agora.

Um arrepio de horror correu pelos circumstantes, que se entreolharam tremulos de commoção e pavor...

Tomou o pulso frio da criança e abrindo-lhe o corpinho de cambraia branca descobriu o collo onde se elevavam as mancias eminencias dos seios tumidos.

Colou o ouvido ao corpo do lado do coração.

Minutos se passaram.

Houve em todos uma extranha anciedade lugubre.

A expectativa, indecisa entre a esperança e o desespero, dominava, extasiava a todos.

Pararam as respirações, uniam-se todos na mesma agonia indiscriptivel...

Aristo ergueu a fronte.

Ia soar o instante revelador da certeza tremenda...

— Não é a morte ainda ! disse.

Neste momento ouviu-se no quarto um sussurro offegante e confuso.

Eram os corações de todos que palpavam agora livres do grande peso que os aniquilava...

Ninguém ousou articular uma palavra

Olhavam todos a figura magestosa de Aristo, que tinha na penumbra do quarto uma aureola de luz em torno da cabeça altiva, formada pelo reflexo das velas nos revoltos cabellos de prata.

Contemplavam-lhe todos a mystica figura, tomados de uma confiança sobrenatural

O sabio olhava, illuminado, o vulto pallido da criança, e tinha nos labios tremulos o esboço de um sorriso doloroso.

Era a primeira vez que sentia assim o

coração palpitar ao contacto intimo de uma scena tocante do mundo domestico...

Era a primeira vez que tomara o pulso e medira a intensidade febril do amor de um esposo no cumulo do desespero...

Era a primeira vez que os olhos, queimados pelo pranto e pela vigilia, tocaram um vulto angelico de mulher, deitado, em desalinho candido sob a alvura de um leito macio...

Descortinava a alma gasta do poeta todo um mundo novo de sensações virgens e puras.

Nas subterraneas raizes, urrou a lava sem força do vulcão extinto e coberto de neves eternas...

Por fim Aristo reparou na angustiosa anciedade de todos que o cercavam e disse commovido e tremulo :

— Apaguem estas velas lugubres, deixem o sol, que nasce agora penetrar neste quarto. Vou até minha casa. Em breve serei aqui. Não é a morte ainda... Itidão

Afastou-se o philosopho da multidão curiosa que estava na rua.

Havia já completa claridade pelos espaços azues.

Aristo desapareceu por fim na curva do caminho.

Eulalia, continuava immovel sobre o leito, fitando com a unica pupila aberta o tecto de telha e vão.

Em volta della, todos entreolhavam-se attonitos.

VII

As pessoas todas que assistiram esta scena extraordinaria não acreditaram bem naquillo tudo que viram.

Uma velha inconscientemente ergueu-se do logar em que estava e foi apagar as velas, obedecendo, sem mesmo saber por que, a prescripção de Aristo. Abriram-se as janellas.

Penetrou innundando o aposento, a luz matinal.

Tudo que o velho fizera, pensavam todos, sem comtudo ninguem se animar a dizer alto, parecia obra de um louco.

Eulalia não estava morta por ventura ? não continuava no leito, immovel e fria.

Que mysterio sobrenatural havia naquillo tudo que os dominavae os impellia a crer em uma cousa inacreditavel, a espe-

rar a realização de um acontecimento sobrehumano ?...

Entretanto por tal modo se impunha ao espirito de todos a figura austera e respeitavel do philosopho que estas desconfianças, estas duvidas não chegavam bem a se formular nitidamente, a se destacar distinctas, no protoplasma confuso daquellas pobres almas estupefactas...

Esperavam a cada momento ver surgir o sabio e representar aos olhos, ao vivo, a scena biblica de Jesus e de Lazaro. Aristo crescia para todos, de santo assumindo o tamanho incomprehensivel, inconcebivel de um Deus.

Demorava-se, porém, a realização do milagre.

Passara-se algum tempo sobre o desaparecimento do philosopho e alguns mais rebeldes inquietavam-se já.

Começou a transpirar a impaciencia e a duvida que assaltava agora com mais intensidade os espiritos credulos.

Olhavam-se desconfiados...

Um, envergonhado até de ter crido naquella farça do velho, atreveu-se a articular uma phrase de duvida.

— Mas elle disse que não era a morte ainda .. interromperam confiados outros e accentuavam gravemente, prolongandó

a voz, quando pronunciaram o pronome determinante de Aristo, como para indicar que em seus espiritos aquelle *elle* era escripto com E maiusculo...

Alguns não tiravam os olhos do corpo inanime de Eulalia esperando ver a cada instante ella dar signaes de que voltava á vida, milagrosamente... Entretanto tardavam estes signaes de vida e crescia, tomava vulto a idéa que Aristo os enganara a todos, não para zombar delles, pois lhe conheciam o coração bondoso, mas para furtar-se á declaração de que Eulalia estava morta, morta para sempre.

Este pensamento enunciado calou profundamente no animo de todos.

Não havia mais que duvidar.

O bom do velho reconheceu que era mesmo a morte e, não tendo coragem para confessar a horrorosa verdade, preferiu fugir deixando que se convencesse n por si, desesperados de esperar por elle, de que era a morte, a inflexivel morte sem remedio, que tornara rigido e inerte o corpo delicado da formosa criança.

Acabrunhados pela plausibilidade terrivel deste raciocinio e pela cadaverica figura, fria e pallida da morta, foram novamente o desespero e a dôr os assoberbando.

—Mas elle disse que voltava... soluçou a medo uma voz tremula e fraca, elle disse que voltava...

Animaram-se alguns.

Sondavam com o olhar a estrada deserta que se estendia indifferente.

Não apparecia o philosopho.

— Esperemos ainda um pouco, acrescentou um velho, pausadamente, e ao cabo si elle não tiver chegado, iremos tres de nós procural-o e lhe pedir que nos diga inteira a verdade.

Foi este alvitre sensato acolhido com alguma esperanza.

Adiaram por alguns momentos a certeza do acontecimento, acalentaram um pouco a dôr, transferiram, suspenderam por instantes o desespero que os aniquilava.

Houve uma pausa de descanço e confiança.

Passou entretanto o tempo determinado e, entre a anciedade de todos, partiu em busca da verdade terrivel a commissão escolhida— tres velhos, capazes de receber a nova tremenda.

Os outros viram-na partir e suspiravam para que bem longa fosse a demora.

Na vespera, pela manhã, nada sentia a formosissima Eulalia que despertou com

o dia e foi para o quintal ordenhar as vaccas submissas.

Era o serviço matutino.

O esposo, forte e bello, amarrava os bezeros que mamavam e, depois presos no curral, mugiam tremulamente e saudosos das têtas uberrimas.

Finda esta occupação primeira viu o companheiro partir para o campo levando adeante o gado que aspirava soffregamente enchendo os pulmões do oxigeno salutar da manhã.

Mesmo na marcha arrancavam com os dentes as pequenas e rasteiras moutas de capim, verdejante e humido do orvalho da noute.

Viu o companheiro partir e o viu desaparecer descendo uma collina que ficava defronte.

Tomou-a neste momento uma saudade subita.

Chamou pelo marido que desaparecia longe e que neste momento agitou no ar o cajado como a dizer-lhe adeus.

Ella chamou por elle, presa de uma anciedade estranha, e com lagrymas afflictas viu-o desaparecer de todo.

Que tinha ella? que soffria agora que esse spectaculo tão natural de todos os dias a commovia e lhe fazia saudades?

O arraial tinha despertado também e saudava o novo dia com a symphonia aguda dos cantos da bigorna.

Bailava uma alegria matinal nos ares onde vibrava aquella musica intensa do trabalho.

Eulalia quiz continuar as occupações da casa, mas sentiu-se presa á janella, sem ter forças para tirar os olhos da collina por onde descera Oscar.

Sentia uma magua profunda, uma saudade amarga, um desespero indomito...

Percebeu então que não era só do esposo a saudade, era mais de uma vida que ella sonhava agora, risonha e poetica, em um palacio encantado, dentro de um bosque silencioso, era ainda um filhinho alegre e louro que lhe inundava a existencia de risos e felicidade, era tudo, a saudade de um outro céu de côr mais pallida e de nuvens mais exoticamente rendilhadas, de arvores de fructos mais saborosos e flores mais bizarras e de perfume que adormecesse e fizesse sonhar delicias e torturas.

Sentia a saudade disso tudo, a nostalgia dolorida de uma existencia phantastica, que ella ia architectando fecundamente...

Crescia dentro della como um clarão de crepusculo melancolia assassina sob cujo

peso ella vergava a cabeça e o corpo.

Suffocava, suffocava de dôr, de uma dôr inexplicavel, que a subjugava, que a matava.....

Ergueu-se por fim da janella e pausadamente se affastou prostrando-se no leito e arrebrandando-se com desespero em uma explosão de soluços e de lagrymas ardentes....

Despertos a velha mãe e os mais da casa por esse estranho ruido, correram e encontraram-na estorcendo-se no leito, querendo arrancar os cabellos e exprimindo na physionomia a angustia mais dolorosa.

Foi pela rua a velha desesperada e afflicta pedindo soccorro, soccorro para a pobre filha.

Acudiu, logo, á casa o povo da vizinhança que parava estupefacta ante o nunca visto espectáculo.

A presença, porém, de tanta gente dominou um pouco o espirito de Eulalia que, tomada de subito pavor, atirou-se aos braços da chorosa mãe que se sentara na borda do leito.

Ahi, bem conchegada ao collo materno, bem aquecida pela ternura e carinho da velha acalmou-se um pouco e adormeceu.

Fez-se silencio em torno.

O somno durou-lhe algumas horas.

Desperta delle, Eulalia sentia apenas extremamente dolorido o corpo.

Conservou-se pensativa e pallida o resto do dia.

Quiz fazer alguma cousa, não teve animo de fazer cousa alguma.

Sentado em um tamborete perto da janella ahi passou o dia quasi immovel, tristemente mergulhando o olhar, sem nada ver entretanto, na paizagem que se descortinava.

Assim taciturnamente, melancolicamente correram as horas sem outro incidente.

Quando Oscar chegou do campo estranhou o modo triste da esposa, em cujo olhar descobriu uma languidez estranha.

Informado do que succedera pela manhã, procurou o marido saber de Eulalia o que sentia, o que tinha sentido.

Reparou então afflicto Oscar que ella não estava perfeitamente em si, que não tinha consciencia do que a rodeava e era victima de um estado morbido de tristeza tão intensa que se diffundia e assolava tambem os outros.

Chamou-a, sacudiu-a com brandura, rogou com lagrymas nos olhos que ella olhasse para elle e lhe dissesse uma palavra ao menos.

Eulalia parecia não ouvir; tinha os olhos presos no vago, parecendo contemplar a magnificencia melancolica do crepusculo que inundava céos e terras de luz suavissima e contagiosamente triste...

Nada a chamava a si, do extase que a dominava.

Como a noute, porém, lhe vellasse o magestoso espectaculo que contemplava, roubando-lhe o alimento dos olhos e da alma, começou a agitar-se, a supplicar confusamente pedidos inintelligiveis, e presa de extraordinaria agitação, desesperava-se, gritava, chorava.

Por fim atirou-se novamente ao leito suffocada de soluços, estorcendo-se, convolvendo-se num movimento de desespero de quem soffre uma intensissima e irremediavel afflicção da alma.

Veu ás pressas o velho que no lugar accumulava as funcções de boticario e curandeiro.

Deu á molestia um nome esturdio e especificou de feitiçaria a affecção de Eulalia.

Preparou-lhe um cozimento calmante que não conseguiu fazel-a ingerir.

Todos os esforços que empregou foram Inuteis.

Pouco a pouco, porém, foi ella se acal-

mando e por fim se accommodou no leito e no travesseiro parecendo adormecer.

Tranquillisou-se, regularizando as feições contrafeitas.

Alegraram-se todos.

O curandeiro disse que não era nada, que fora apenas um ataque sem consequências, que agora, fatigada, adormeceria e, boa amanhã, tomaria a poção calmante.

Tranquillisou-se tudo.

Repousava no leito Eulalia.

Ouvia-se o rumor palpitante da respiração.

Todos olhavam-na.

Pouco a pouco como que o rumor se esbatia, diminuia.

Cada vez mais fraco o ruído, cada vez menor a elevação do seio.

Observavam pasmos.

Diminuia, diminuia.

Apagou-se por fim.

Houve no aposento um instante de silencio absoluto.

O curandeiro ergueu-se subito e tomou-lhe o pulso.

— Está morta ! exclamou.

VII

O sabio, tendo examinado attentamente o corpo de Eulalia, não lhe descobrio no semblante a physionomia de um cadaver.

As feições sympathicas não se haviam contrahido, nem denunciavam o espasmo afflicativo do momento extremo.

Havia a mesma harmonia de linhas de quem dormia tranquillamente, sonhando cousas alegres.

O aspecto livido não tinha entretanto a tragica apparencia denunciadora da morte.

Correu a espinha do sabio um arripio de esperanza.

Era por certo uma nevrose que dominava o corpo e o espirito da formosa creatura anniquilando-lhe toda a manifestação vital.

Imprimiu movimento á palpebra ; conservou-se a palpebra aberta.

Não tinha o corpo da criança a rijeza peculiar do corpo morto.

Sentiu que sob aquella epiderme não coagulava o sangue, que dentro daquelle peito não se extinguia a chama.

Tendo applicado o ouvido pouco experiente, mas de finissimo tacto, sobre o coração de Eulalia, percebeu, adivinhou quasi, a palpitação recondita e diminutissima do musculo regulador.

Não duvidava mais.

Era apenas a morte apparente e traidora da catalepsia...

Assim convencido, foi Aristo para casa, apressadamente.

Entrando no solitario laboratorio, foi o philosopho direito a uma estante onde repousavam grossos, poentos livros. Tomou alguns delles.

Sentou-se á mesa e attento percorreu-lhes paginas e paginas. Compulsava, manuseava alfarrabios ; impaciente tomava de outros, procurava, folheava, lia, relia...

Nunca aquellas paredes viram de tal modo afflicto e febril o sereno e calmo habitante.

Preso de estranha actividade, inspeccionava agora o batalhão dos frascos.

Limpava o pó que obscurecia o letreiro dos rotulos

Escolheu dous ou tres.

Fel-os sumir-se no fundo bolso do paletot e sobraçando um livro que joeirara de todos, partiu.

O velho corria quasi preso do terror infantil de chegar tarde.

Logo que atravessou o bosque, encontrou a funebre commissão que partira em busca delle.

O velho comprehendeu-lhe logo o intuito.

Seguiram silenciosos para o arraial.

Ergueram-se confusos em casa de Eulalia, todos, á noticia de que apontara na estrada a commissão dos velhos acompanhando o vulto taciturno do philosopho.

A presença de Aristo os animava sobremodo.

Era a salvação, era a vida que alli vinha na sciencia universal e gratuita do velho, para reanimar, ressuscitar, a morta querida, e cuja perda, todos, por tão dolorosa, não podiam crer nella.

Approximou-se o grupo e pela segunda vez entrou Aristo aquella porta modesta, agora mais animado e com o espirito menos carregado de tenebrosas apprehen-

sões. Palpitava-lhe, entretanto, o coração, como o do amante que, primeira vez, entra a alcova tepida e escura onde lhe espera o amor nos braços macios da mulher amada...

Fechou — primeiro cuidado, cuidado esthetico, a palpebra aberta de Eulalia, concertando a harmonia doce das feições immoveis e illiminando a parte grotesca e tragica daquella scena poetica.

Começou então a applicação da therapeutica adquirida momentos antes e consistindo em fortes sinapismos nos pés e pannos de agua bem fria sobre a cabeça.

Borrifava-lhe o rosto e chegava-lhe ao nariz, que não aspirava, entretanto, um frasco de ether.

Friccionava-lhe fortemente, auxiliado por outros, os braços e os pulsos.

Continuou por minutos esta complicada e multipla operação benefica.

Como tardassem os signaes de renascimento, o velho chegando-se bem ao rosto da encantadora doente, applicou-lhe os labios seccos na polpa macia dos labios descorados agora.

Respirava e aspirava fortemente com sofreguidão, como querendo com o folego quente, aquecer o sangue e reaccender-

lhe a chamma daquella alma, que parecia apagada.

O contacto dos labios frios e inertes de Eulalia, aquelle beijo longo e inconsciente que dava no velho philosopho, animaram-no por tal forma que Aristo de bom grado transfundiria a vida, que lhe palpitava no velho coração, no corpo moço de Eulalia, morrendo elle naquelle instante, unico vivido da sua longa existência morta.

O collo da doente alçava-se leve e fraco...

Voltava-lhe a vida, voltava-lhe o movimento.

Ambos se agitavam na transfusão magica das duas vidas que se confundiam.

Em volta todos olhavam suspensos de pasmo, inconscientes quasi, estupefactos e attonitos, a scena extraordinaria — idyllio estranho, palpitante de amor, do insensivel philosopho de gelo e da mulher inanimada e fria, o renascimento duplo de uma alma quasi morta, sobre um corpo morto quasi...

Sentindo o velho que as forças lhe fallavam e que já por si se animava o corpo, inerte ha pouco de Eulalia, descollou os labios da bocca da mulher que se corava já.

A doente tomou folego demoradamente, profundamente, e abriu os labios algumas vezes, lentos, como sentindo falta do contacto agradável que sentira de outros labios, como a procurar no espaço os companheiros doces e humidos que lhe fugiram...

Aristo, só de todos os que alli estavam, comprehendeu a significação daquelle movimento estranho.

Cravou os olhos em Oscar, que fitava, raso de lagrymas, lagrymas de prazer, a mulher que palpitava no leito, anciando no goso indizível e indistincto do crepusculo vespertino que se operava na alma, orvalhado pelos beijos que mal sentira na escuridão da noite, beijos de labios ignorados, anonymos, cujo sabor gostava ainda... Cravava Aristo olhos tremendos no feliz esposo que transbordava de alegria, olhos tremendos de ciume e inveja pelo goso promettido por aquelles labios soffregos que pediam, inconscientes, beijos, beijos de amor...

Dissolveu-se toda a philosophia de gelo ante o contacto daquelles labios, cujo calor elle emprestara.

Sentia-se homem o philosopho pela primeira vez em toda a sua vida.

Fôra absolutamente muda toda esta longa successão de scenas.

Ninguem dera uma palavra.

Agora, Eulalia respirava regularmente.

Abriu os olhos luminosos e, procurando entre os circumstantes o esposo querido, encontrando, exclamou, no meio da estupefacção de todos, avidos por lhe ouvir a falla, Oscar! Oscar!

O companheiro atirou-se, rindo entre lagrymas, ao leito, e, enrolando-a com os braços, banhou-lhe o rosto de beijos e pranto.

Foi uma scena commovedora.

Todos choravam, todos sorriam, animados profundamente de uma alegria exquisita, trazendo ainda a alma suspensa de assombro pelo inacreditavel facto que presenciaram e que não acreditariam si o não tivessem visto.

Cercaram o leito, enchiam a sala atopetando-a, acolovelando-se.

Havia um borborigo expansivo de felicidade jovial, de festa de crianças.

Todos queriam ver a resuscitada, queriam ver-lhe a luz dos olhos, o sorriso dos labios.

Apalpavam-na para sentir si o corpo estava quente, si o coração batia.

Eulalia experimentava um bem estar

immenso e não podia bem comprehender tudo que se passara

Olhava para todos reconhecendo-os, sentindo-se alegre, sentindo-se feliz, extremamente feliz.

Extasiavam-se todos na contemplação do milagre, sem lembrar-se, comtudo, do santo milagroso.

Uma vez disse subitamente :

— E o velho ?...

Olharam-se todos, caindo em si e procurando ver si descobriam o vulto do philosopho entre a gente que enchia o quarto.

Alli não estava elle.

Olharam na rua e não o viram também.

Aristo tinha desaparecido.

Esta desappareição despercebida de todos, tornou-se phantastica áquelles espiotos rudes.

Calaram-se na recordação do que tinham visto.

Que dom sobrenatural tinha o philosopho que assim por este modo agia, ante os olhos, de maneira verdadeiramente miraculosa ?

Aristo não era um santo, era muito mais do que isto, era o próprio deus que alli vivia debaixo daquella apparencia il-

luminada, que a todos sorria, que a todos olhava, por aquelles labios pallidos, por aquelles olhos pisados...

Emmudeceram todos procurando medir com os olhos da alma a estatura immensuravel de Aristo, concentrando-se na meditação assombrosamente admirativa

Ninguém podia duvidar! Fôra verdade... Todos o viram no labor sobrehumano dar vida á morta, e em poucos minutos fazel-a palpitar, abrir as palpebras, fallar, sorrir...

Sentiam-se envollos n'um ar mysterioso de desconfiança, de pismo.

Ninguém commentava.

Percebiam que cada um meditava consigo, procurando acalmar o espirito imprevisivelmente suspenso pelos acontecimentos daquella manhã.

— E onde teria ido o velho, pensavam?

Teria por ventura desaparecido dos homens, depois de se ter mostrado deus ante os mortaes? depois de ter feito cair a mascara com que vivia no mundo?

Alguns criam nesta hypothese; outros menos phantasistas, viam apenas que o sabio se retirara, pacificamente, para casa logo que não tinha mais que fazer.

E tão afastado, tão isolado, tão fóra da vida delles vivia Aristo que ninguém

pensou em ir vel-o, em ir procural-o.

Entre estas cogitações e a certeza do resuscitamento de Eulalia foram pouco a pouco todos os vizinhos entrando as casas vazias, apenas ficando os parentes na casa da enferma, perto do leito.

Accendiam-se as forjas apagadas até esta hora, contra o habito matinal de todos os dias.

Momentos depois sopravam os folles os brazidos crepitantes e cantava o malho sobre a bigorna a canção quotidiana.

IX

Assim que Aristo comprehendeu que não tinha mais que fazer perto da resuscitada, afastou-se para um lado, deixando que livremente se expandissem jubilosas aquellas almas todas.

Com o fallar de Eulalia todos acercaram-se do leito, olhando-a, não lhe querendo perder o mais insignificante movimento.

Nesse instante, vendo o sabio que estava completamente despercebido, pois os olhares todos se fixavam no leito em que sorria a formosa creatura que elle tornara á vida, esgueirou-se subtilmente e alcançou a porta da casa.

Chegado á rua, Aristo tomou o caminho da sua habitação solitaria.

Trazia dentro do espirito o desequi-

librio produzido pelo grande numero de sensações e de impressões novas que pela primeira vez pesavam na balança das cogitações de todas as horas.

O philosopho caminhava sentindo-se fraco, sentindo-se envergonhado.

Si aquellas arvores, aquelles céos que bem o conheciam, pudessem ler tudo que se passava nelle, si aquelles passaros que á beira da estrada paravam subito a cantilena alegre, á passagem de Aristo, como para não lhe perturbar o fio dos pensamentos tristes, si o vento que lhe agitava os longos cabellos argentados, a solidão que o acolhia no regaço frio e o guardava sob a protecção das azas silenciosas — unicos companheiros que lhe fallavam nos seus idiomas consoladores e cujos monologos mysteriosos a alma do poeta comprehendia, si estes pudessem entrever, suspeitar a desordem, a anarchia que nelle lavrava, como um incendio pavoroso, destruindo no espirito do velho, em alguns minutos, o formidavel edificio argamassado, solidificado pela meditação de todos os minutos ; si elles pudessem desconfiar desse estado de alma no final da vida, fugiriam, abandonariam-o tornando sem eco para elle a linguagem saudosa, deixando-lhe, como castigo, a

convivencia dos homens, o consolo mentido das suas palavras ocas.

O velho andando tropeçava nas pedras do caminho.

Enorme fraqueza o anniquilava.

Ziguezagueava como um ebrio.

Sentia necessidade de um seio carinhoso que lhe recebesse e afagasse a cabeça cansada.

De alguém que lhe alizasse com os dedos delicados os compridos fios de prata da cabelleira revolta, precisava ; que lhe humedecesse os labios seccos com um beijo longo, longo como o beijo inconsciente de Eulalia, que lhe reanimasse o velho coração com o calor communicativo de um coração moço e amante.

Soffria o pobre velho. Anhelava todos estes gosos adivinhados sobre o corpo recatado da enferma e caminhava para a Thebaida solitaria, para a certeza da irrealização dos seus desejos soffregos...

Perdido para a vida, perdido para a felicidade, perdido para o amor !

Seria, porventura, aquelle o remedio ? aquella a medicina procurada nas longas noutes de meditação ?

Para fazer esquecer a engrenagem dos males e de dores, de desenganos e de tristezas, que constitue a vida, terá a pro-

priedade miraculosa o philtro de um olhar amoroso ?

O nectar que dissora o beijo produzirá a embriaguez deliciosa da inconsciencia externa ? Será feito de Lethes este nectar embriagante, que lança na alma a vertigem, a syncope ?... Quem sabe si está ahi a verdade ? não é a syncope, a vertigem a ante-camara da Morte ?

E Aristo ouvia dentro de si como o ruido prolongado e intenso de todo um mundo que desaba.

Avizinhava-se a casa do philosopho ensombrada pelas franças de arvores frondosas que caiam sobre ella.

Em volta a natureza placida banhada pela luz de ouro do sol da manhã.

O velho approximava-se arquejante. Cambaleava de cansaço.

Entrando a porta, tinha a vista escura, as pernas tropegas.

Amparava-se á parede. Pensou cair...

Vendo-o, casualmente, Modesto, o preto velho que lhe era criado, e apercebendo-se de sua fraqueza, correu-lhe em auxilio.

Pediú o sabio a cadeira comprida em que costumava repousar.

Ajudou-o a deitar o preto.

Ah! não era, por certo, aquella fria lona em que elle descansava a cabeça o

que elle desejava para a cabeça cansada...
Adormeceu.

Modesto velava, encostado á parede,
braços cruzados sobre o peito largo.

Temia pela vida do velho.

Lagrymas corriam dos olhos encovados
e arrebetavam-se no chão...

Aristo resonava tranquillamente, illu-
minado por um sorriso angelico.

Ter-lhe-hia levado o sonho á alcova te-
ca e escura da formosa Eulalia?...

Vendo-o assim, retirou-se o preto, cau-
telosamente, sem o menor ruido, depois
de ter fer fechado as tabuas da janella,
obscurecendo o aposento silencioso.

Longas e tranquillias foram as horas de
repouso do velho philosopho.

Desperto, ergueu-se e abriu as janellas
todas deixando penetrar na sala os raios
obliquos do sol da tarde.

Modesto trouxe-lhe uma chicara de nu-
tritivo caldo fortificante, que o philoso-
pho tomou a instancias do preto.

Reanimou-se um pouco o corpo do
velho, que passeiou algumas vezes pela
sala, olhando todos os objectos, que o
cercavam, attentamente.

Sentou-se á mesa e deixou cair a fronte sobre a palma aberta da mão direita.

— Saiba, murmurou Aristo, saiba toda a natureza amiga que me cerca! Desanuviou-se do meu espirito já a enganadora miragem do risonho oasis do amor, que se reflectia na deserta extensão estéril de minha alma — Sahára chicoteado pelos ventos rijos do desespero e onde não passa a caravana harmoniosa dos sonhos, beduinos que atravessam cantando a inhospita região.

Não é bastante para laquear a chaga aberta de uma alma que pensa e raciocina o balsamo todo dos beijos de amor, não é bastante para dar luz ao firmamento, em noute, de uma alma desesperada, o brilho de todos os olhos ternos do universo...

Não ! não é este o remedio ! não é esta a verdade...

Calou-se a murmurada oração do philosopho.

Tinha os olhos placidos pascendo na placida ondulação das collinas verdejantes.

Calma no espirito, debilidade extrema no corpo.

Abandonavam-lhe as forças, invadiam-lhe a senectude.

Encrespavam-se-lhe os lábios, entretanto ironicamente — saudando algum velho pensamento triste que vinha á tona do oceano revolto da meditação.

Sentia-se altivo, orgulhoso, forte, agora livre da rede que lhe armaram sensações enganadoras.

E, mais pensara o philosopho, dos beijos todos que se permutam neste mundo, quantos ha que estalam harmoniosamente como um hymno de amor?...

Insignificante, nulla minoria... Beijo... arma poderosa, traidora, assassina da vontade do homem! quanta miseria, quanto mesquinho interesse, quanto pensamento occulto e inconfessavel não te tem prostituido o sabor delicioso e embriagante!

Tua musica divina, levantando-se da escuridão da noute silenciosa, como um sussurro indiscreto denunciador do goso calmo, de lábios que se pertencem, tem sido a musica do crime, tem sido a musica da traição perversa, tem sido a musica assustadoramente propagada da prostituição das almas.

Não, beijo! não és o remedio, não és a embriaguez de que precisam os homens...

Reagiu o philosopho e saiu vencedor da crise sentimental a que o haviam levado

os acontecimentos que se tinham passado durante a manhã.

Sentia-se, porém, extremamente fraco.

Depois da longa immobildade em que se quedara largo tempo, a cabeça amparada na palma aberta da mão direita, quando ergueu-se da mesa, escureceu-se-lhe a vista, entonteceu e caiu novamente sentado.

Resfriaram-se as mãos pallidas e Aristo, tomado de uma vertigem, conservou-se algum tempo em uma somnolencia morbida e insensivel.

Desse estado lethargico foi arrancado por fortes palpitações do coração, que sacudiam, abalavam toda a carcassa velha.

Tornou a si o philosopho, sentindo faltar-lhe o ar, chegou-se com passos tropegos, bamboleando, á janella.

Já não havia sol no espaço illuminado.

Era o crepusculo, a hora de ouro, a hora predilecta.

Aristo suffocava. Mesmo á janella o ar lhe era pouco.

— Mas, lá em cima, pensava, no alto daquella elevação que ficava por traz da casa do sabio, lá em cima, por certo os pulmões se encheriam e se fartariam de alimento puro e regenerador.

Faltavam, porém, forças para galgar a eminencia.

Ia tentar entretanto. Descansaria pelo caminho, iria de vagar e para a volta o ar puro que respirasse lhe haveria de dar a precisa fortaleza.

Poz-se a caminho.

Seguiu amparando-se ao bordão e procurando andar o mais depressa que lhe fosse possível.

Anciava por chegar.

Nada pensava distinctamente. Havia na alma de Aristo apenas o esboço vago de um desejo de aspirar, de galgar uma altura elevada onde estivesse mais longe do mundo, mais dentro da solidão.

No meio do campo atrahiu-o o rouquejar proximo e continuo da cachoeira.

Parou meditativo, indeciso o philosopho.

Tomou por fim o trilho que leva ao penhasco de onde se precepita o volume barulhento da agua.

Ia vagaroso.

Quando principiou a subida, sentou-se em uma pedra á margem do caminho.

Minutos depois começou a ascensão, que foi penosa e longa.

Muitas vezes parou. Descansava. Proseguia depois com o mesmo afan de chegar.

Agora ouvia bem perto o estrondo ensurdecedor do trambolhão das aguas.

Chegou por fim a um planalto coberto de plantas rasteiras e ensombrado de um lado por uma ponta de bosque, que se extendia e subia além vestindo o espinhaço da serra.

Seguiu Aristo e encontrou saindo da sombra do arvoredor, enrolando-se entre as pedras e espumante, a corrente.

Prostron-se o velho e tomou nas palmas das mãos agua crystallina que bebeu a longos sorvos. Offegava.

Seguiu depois o velho beirando o rio.

Chegou então a um logar onde rareava a vegetação. Era o dorso nú do rochedo.

Ahi a agua, sentindo a suppressão subita do alveo, se despenhava no abysmo que abria o seio escuro onde ella se precipitava estrondando.

Subia do abysmo uma pulverisação, fria e scintillante.

Aristo, extremamente fatigado, deitara-se no granito quente ainda do sol e aspirava a amplos pulmões a atmosphera limpida daquella altura, temperada pelas emanações da agua viva e pelo viço luxuriante da vegetação.

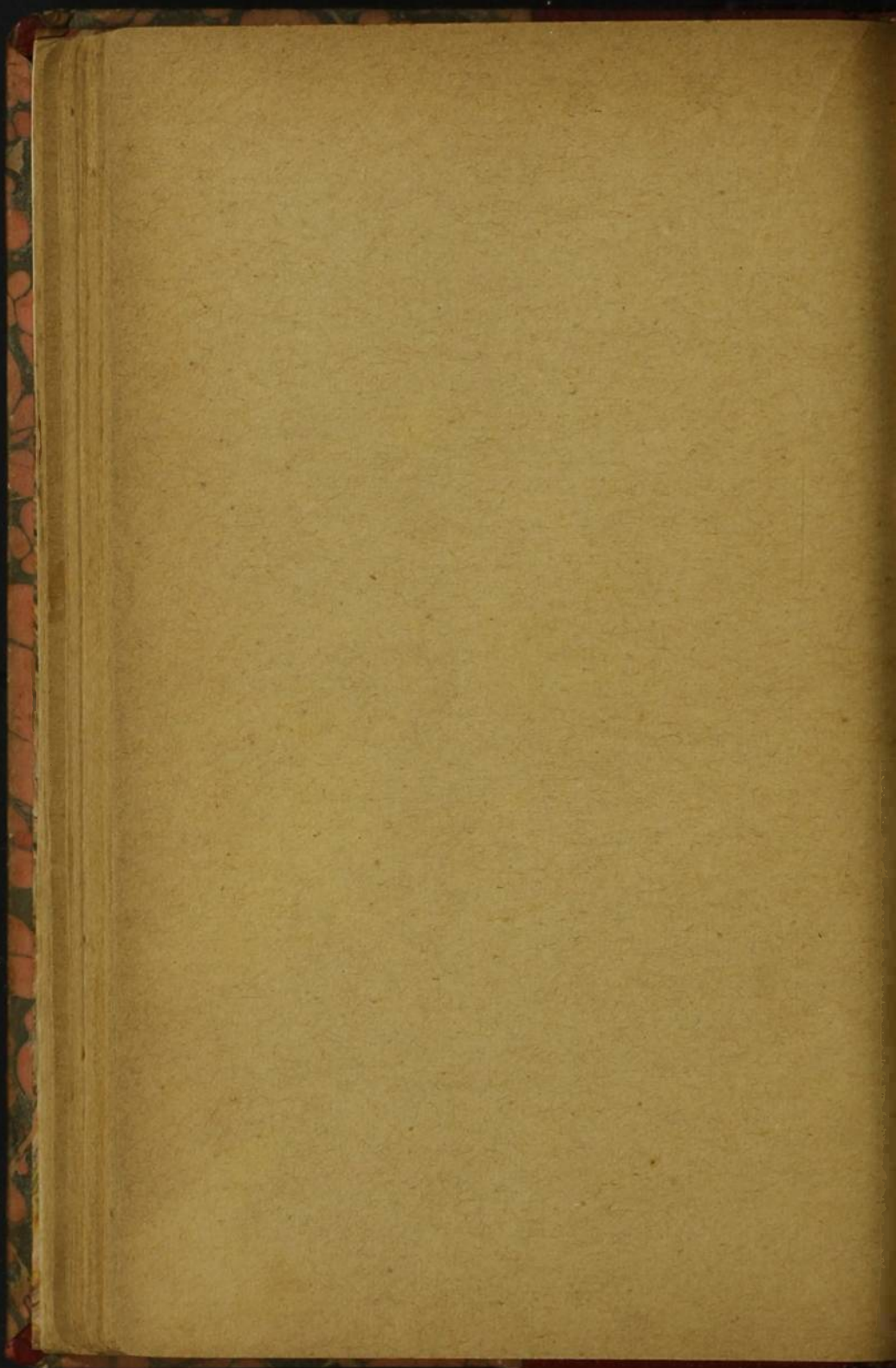
Sentia, entretanto, que o ar, alli mesmo, não se introduzia bem por todos os ramos,

por todos os bronchios da sua arvore pulmonar. Uma causa estranha pesava sobre o peito, um punho de ferro comprimia-lhe a garganta.

Ancioso, agitava-se e abria a roupa deixando ver o peito nú.

Dominava-o uma afflicção estranha.

Entretanto a natureza em torno placidamente repousava, adormecendo, á musica da cachoeira, inundada pela claridade magica do crepusculo.



X

Sobre a rocha, deitado, Aristo abriu os braços, crucificando-se, immovel.

Tinha as palpebras fechadas por não poderem os olhos encarar a reverberação poderosa da luz no espaço, limpo de nuvens

Os cabellos espalharam-se sobre a pedra; sobre o peito, amplo e nú, espalhou-se a longa barba branca...

Sentia o philosopho uma commoção estranha, uma sensação exquisita, nunca antes sentida.

— Era o fim, pensava...

E sorria. Sorria orgulhoso pela coragem, pela calma com que enfrentou a certeza tremenda, ultima certeza.

Apercebeu-se da intensidade com que a morte se aproximava e tinha, no fundo da alma, para ella, um agradecimento por

lhe haver poupado os estertores compungentes da agonia.

Viesse, viesse recebê-lo no regaço mesmo da natureza, dentro do seio confortável da solidão, acariciado e consolado pelas vozes selvagens que se elevavam de em torno, em pleno vigor da intelligencia, tão lucida que lhe pudesse sentir o beijo ultimo que ella lhe houvesse de dar..

A tranquillidade serena e conformada que havia dentro d'elle era a confirmação tacita da verdade do resultado final que se cristalisou no espirito depois da longa e dolorosa lucta psychologica que durara toda a existencia.

Ia experimentar esse poderoso e efficacissimo remedio — o aniquilamento, a volta triumphal ao nada, o despertar na insensibilidade absoluta.

Ia sentir o contacto, para sempre, da penumbra do eclipse eterno.

Era a morte, era morte!

E por inevitavel successão de pensamentos veiu á alma do velho a graciosa morta a quem pela madrugada fora ver no leito extremo, que se transformara depois em berço de recém-nata.

E as feições de Aristo se confrangeram

denunciando que elle procurava prender, dissecar uma idéa imcommoda que lhe adejara na alma, como uma borboleta damninha.

Sim ! Elle o atro philosopho da morte, o taciturno pensador do nada ; elle, o atormentado pela obsessão esmagadora do descobrimento do remedio contra o mal, que via claramente na morte a inilludivel tranquillidade, praticara — unico acto externo reflectido sobre os homens — a negação de toda a vida, a abjuração de todos os raciocinios, de toda a certeza philosophica.

Sim ! Elle, o philosopho da morte, se manifestara aos homens pelo resuscitar de uma creatura, arrancando-a dos braços homicidas da nevrose que a levaria, em algumas horas, ao tumulto, á morte, á verdadeira, á salvadora morte !

Sim ! Elle se immiscuira na humanidade, produzindo— unica producção—a alleluia miraculosa que fez da alma de todos um nicho onde sua figura alquebrada repousará, incensada pela prece e pela adoração, eternamente, passando de pais a filhos, como a figura de um homem, mais que um homem, de um deus que dava, em pleno esplendor da sciencia, vida aos mortos...

Perdera naquelle dia, ultimo talvez da vida triste, a incomprehensivel magestade de sphynges, intraduzida para os homens; perdera a superioridade inaccessivel e dominadora onde vivia o espirito orgulhoso.

Traduzira-se aos homens, entretanto, na versão enganadora de fonte sobrenatural de vida; permittira que transpirasse erroneamente a decifração mysteriosa do impenetravel enigma da alma.

E ia viver no espirito dos que o cercavam, não mais como o animal indomavel e insaciavel que todos viam nelle, mas como o bom, o santo, o deus!

Implacavel ironia do destino, que transformara o riso sereno e estoico de que se armaria o philosopho para receber a visita da morte, no rictus contrahido de uma angustia suprema e desesperadora.

Mordiam-lhe o fundo da alma dilacerada sentimentos contrarios — abutres infernaes — e o velho — extranho Prometheu — sentia o corpo acorrentado ao rochedo pela fraqueza morbida que lhe subjugava os membros.

Implacavel castigo lhe reservara o pensamento para a derradeira hora — essa subita revelação da incoherencia propria.

Ah! tivesse vindo a morte alguns mo-

mentos antes e elle não teria esgotado mais este fel -- o alimento da alma, cada vez mais amargo, de calice em calice...

Agora tinha-os elle, envenenados, os ultimos momentos.

Melhor ! mais sabor lhe teria o descanso que se approximava...

Ergueu o corpo, penosamente, o velho. A custo se poz em pé

Amparou-se ao bordão, curvado para frente. A barba branca tremia sobre o peito offegante.

Circumvagava o olhar tristonho sobre a paizagem larga e vasta que se descortinava daquella altura elevada.

Em baixo, as collinas de tope ondulado e verdejante, em baixo os tranquillos e ensombrados valles, em baixo a extensão quieta das cam;inas desertas.

Rasteira, além espalhada, forrando como encorpado estofo a pradaria, estendia-se a cumiada irregular dos bosques escuros.

Serpeava, aparentemente immovel, o rio, rubro da luz do ocase.

Nada se ouvia da harmoniosa promiscuidade das vozes da natureza.

A cachoeira que se despenhava allí, a dous passos, enchia a amplidão dos céos com a vibração intensa da queda descom-

munal, absorvendo todos as pequenas musicas que constituem a symphonia encantadora e poetica da tarde.

Aristo olhava tristemente, demoradamente, com saudade, aquellas paragens todas tão conhecidas e o olhar triste parecia despedir-se dellas.

Despedida ! Despedida ! Inexplicavel sensação amarga e estranhamente doce que nos confrange a alma, mesmo ao deixar-nos um desagradavel estado de vida !

A alma do velho dizia adeus áquellas eminencias, de onde tantas vezes voltou consolado e com forças para a continuação da lucta ; aquellas collinas, pontos elevados de onde se entregara horas inteiras ao mystico prazer da contemplação das bellezas prodigas da natureza, prazer embriagante, prazer compensador, momentaneamente, das tristezas da vida.

Para a tristeza da alma tinha o philosopho este antidoto, a tristeza do crepusculo...

Dizia adeus ás grotas escondidas no fundo do valle e em cuja agua cristalina tantas vezes tinha desalterado a sêde e refeito as forças, aos bosques em cujo seio canoro e odorante tinha tantos dias passado as horas calidas do sol, embalado pela cantilena da passarada garrula.

Quando os olhos encontraram no valle, em baixo, o amontoado de arvores frondosas a cuja sombra protectora descansa a pequena morada solitaria que tantos annos habitou, e viu o telhado e as paredes brancas da modesta casa, encheram-se de lagrymas ardentes os olhos desbotados.

Dormia alli o fructo condensado de toda a vida laboriosa, dormia alli tudo o que amava, tudo o que o tinha amado.

Entregava, á discrição, todo o thesouro estremecido, ao tempo, á natureza para que o levasse novamente para o seio prodigo de onde tinha saído.

Entregava aos elementos devastadores o seu laboratorio isolado.

Arrancassem-lhe as telhas os vendavaes, derrocassem-lhe as paredes os aguaceiros e sepultassem tudo nos escombros, reduzindo o seu longo trabalho a um inutil montão de ruinas.

Foi mais longa a despedida áquellas quatro paredes, áquelle amontoado de arvores, testemunhas de suas dores e de seus desalentos.

Retirou por fim Aristo os olhos desse canto querido do universo—todo o seu mundo.

Deu alguns passos para a cachoeira.

Havia ás bordas do abysmo umas pedras

plantadas ao comprido, formando como uma muralha natural, protegendo os incautos da absorpção subita da pavorosa guela.

A um lado das pedras precipitava-se o immenso volume da torrente e ia, formando um longo fio de espuma, cair lá em baixo em um grotão escuro onde bramando reservia a agua.

Defronte, perto, á distancia apenas de algumas braças, chegava a cupola tremulante de algumas arvores nascidas sobre o grotão.

Formava-se ahi um pequeno bosque.

A agua, caindo, precipitava-se reboando em um apertado caixão de pedras, de onde se esgueirava pelas anfractuosidades em catadupas, corria pelo bosque e saia além, da sombra, na campina, formando o rio.

O velho approximou-se da muralha de pedra e, encostado a ella, mergulhou o olhar no profundo e escuro boqueirão onde se despenhava a cachoeira.

Apoderou-se delle a vertigem do abysmo.

Aristo repousava a cabeça tonta nas pedras e deixou passar o desfallecimento subito que o abateu.

Quiz retirar a vista do logar escuro

que o attrahia e não teve forças. Sentiu-se preso ao solo.

Prostrou-se.

Dava-lhe commodo um recosto de pedra, a que casualmente se amparou.

Aspirava com difficuldade, sentia a cabeça pesar-lhe, de chumbo, sobre o peito.

Tinha a bocca aberta. Arquejava. Cruzou sobre o corpo offegante as mãos descarnadas.

A's vezes um sorvo de ar, forte e prolongado, produzia-lhe um longo suspiro que o agitava, estremecendo-lhe o corpo inteiro.

O philosopho tinha os olhos cerrados, a cabeça presa ao peito.

Subito um estremecimento sacudiu-lhe os membros inertes.

O sabio abriu os olhos, tendo já recobrado a calma habitual e dando ao rosto a physionomia serena do sorriso.

Abriu as palpebras.

Viu então a luz tenue e rara do dia agonisante.

— Hoje tem companheiro o dia, pensou...

E vendo as mãos pallidas cruzadas sobre o peito e a submissa postura a que o obrigava a fraqueza extrema que o abatia,

o philosopho quiz erguer-se e reagir, pensando no ridiculo da apparencia morta e na vergonha posthuma da compaixão e do nojo dos homens que o encontrassem morto.

Não queria que o vissem assim inerte e apodrecendo como os outros homens que morrem.

Si pudesse elle mesmo cavar a propria sepultura e nella, sem auxilio de ninguem, occultar-se ás vistas e á commiseração do proximo...

Oh! Abrisse-se neste momento a terra e elle desaparecesse por ella a dentro...

Estremecia de horror lembrando-se da lamentação e dos commentarios dos que o achassem podre, ao ar livre,

Não! não queria soffrer este ultimo es-carneo dos homens, não queria que tivessem compaixão, quando o vissem inanimado, morto, sem voz, sem forças para protestar.

E o corpo, meio erguido, olhava com os olhos arregalados, as pernas estendidas, immoveis...

Neste momento virou o olhar illuminado para o lado do abysmo, que as pedras interceptavam.

Ouviu como uma voz mysteriosa que

lhe dizia :— Aqui estou eu, aqui está a profundidade inviolavel do meu seio de pedra, aberta para guardar teu corpo, aqui está minha guela escancarada para receber-te !...

E o philosopho tentou erguer a estatura abatida.

Poz-se de pé, endireitando o corpo, estufando o peito e estendendo os braços para a frente, crispando os dedos.

Via lá dentro, no fundo abysmo que o attrahia, o descanço eterno, livre do ridiculo espectaculo da inerte postura do morto, preparada para a festa funebre do enterramento ..

Equilibrou-se no ar uns instantes a figura crispada e phantastica do philosopho, elevada na sombra da quasi noute.

-- Ao abysmo ! murmurou surdamente, com a bocca aberta.

Deu um passo tacteando no ar e tombou pesado, de bruços, sobre as pedras da borda.

Na queda, o craneo, batendo fortemente sobre uma ponta de pedra, fez uma larga brecha, deixando correr borbotões de sangue, que tingiram de vermelho vivo os cabellos e as barbas de prata.

A vertigem da queda roubou-lhe os ultimos momentos da razão.

Parecia que o destino não lhe queria conceder a ultima, tão desejada, vontade.

O corpo estava sobre o abysmo, suspenso, quasi todo pendente para o grotão.

O menor impulso, e elle se despeñaria na insondavel profundidade escura.

Passada a syncope produzida pelo abalo, apenas despertou da vertigem o animal.

A razão se tinha empanado.

O corpo do sabio estrebuchou em uma convulsão derradeira e estorcendo-se perdeu o apoio nas pedras e rolou no sorvedouro hyante, envolvido no turbilhão de espuma das aguas que se despeñavam.

—

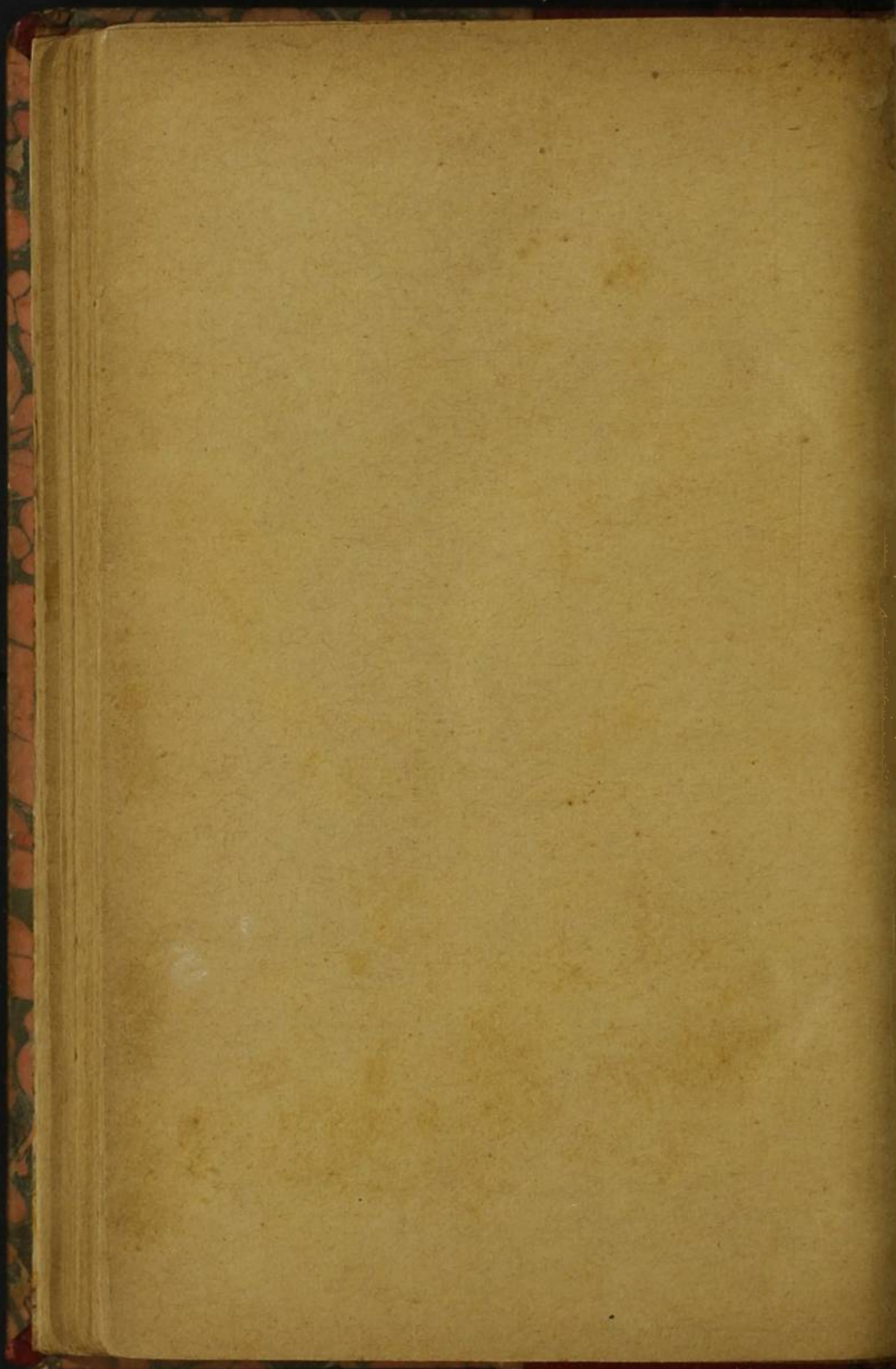
Era noute.

Coalhado de estrellas multicolores e palpitantes o céo.

Corria o tempo. E medindo-o, despeñava-se ao seio mysterioso do abysmo a cachoeira — eterna ampulheta.

Por ella correm as moleculas infinitamente pequenas de agua, por ella descœu

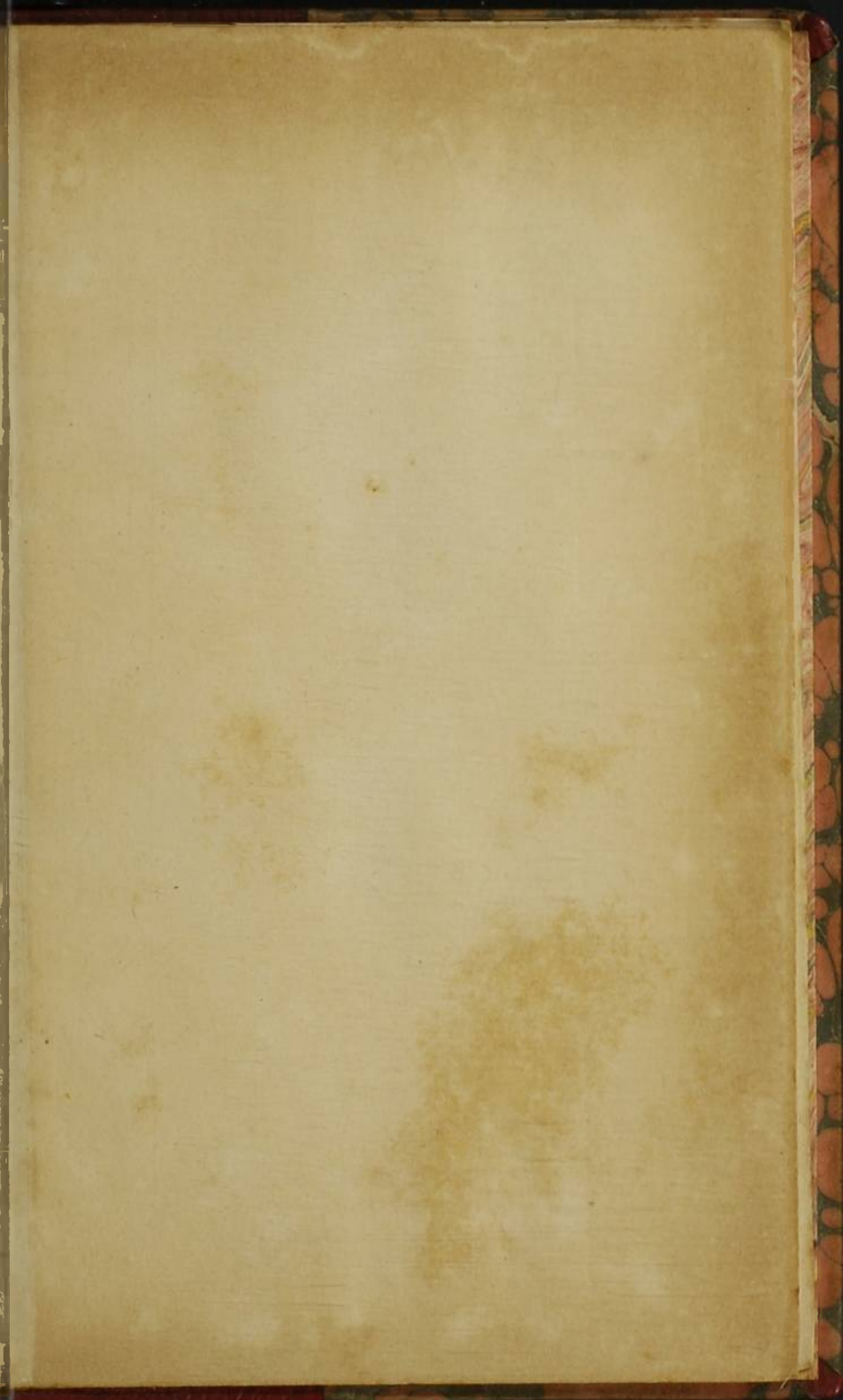
tambem o philosopho, longa vida pensadora, molecula infinitamente pequena, pequeno grão de areia, que nem alterou, caindo, o ruido que se eleva da queda vertiginosa das aguas.



ERRATA

Pags.	Ls.	Onde se lê :	Leia-se :
5	13	esta agora ...	palpitantes agora
6	23	tranças.....	franças
14	1	ás lagartas....	as lagartas
28-29	1	abarracavam..	abarracava
30	19	amparada.....	amparado
33	10	do granito....	de granito
34	20	ao ma.....	ao mal
53	11	opacae.....	opacas
55	24	tem demais as letras.....	lidão
66		VI	VII
68	6	coagulava	coagulara
68	7	estygma.....	extinguiira
71	1	reacender-lhe..	reacender
74	9	Uma vez	Uma voz
81	14	de ter fer.....	de ter
87	2	Uma causa....	Uma cousa
90	23	era morte!....	era a morte!
96	37	repousava... ..	repassou
99	3	aberta.....	aberto
100	24	ao seio..	no seio

18341



15. edicãõ
autografa

